CG 203 - Visões comparativas do Mundo

Níveis de certificado e diploma

Manual do Professor
Instituto Teológico Nazareno
Igreja do Nazareno
Região da África

Instituto Teológico Nazareno
Igreja do Nazareno – Região África

CG 203 - Visões comparativas do Mundo

Autores deste manual:

Rev. BANZA Pierre-Alain, M.Th.
Rev. LOVETT Russ, Ph.D.

Editor da versão francesa: G. Crofford

Endereço de e-mail do editor da versão portuguesa:
anterodfontes@gmail.com

Equipa da tradução em francês:

Gisèle Ogounchi,
Rév. Jean-Nathan,
Rév. Antero D., BTh, MACS

Data de tradução: Novembro de 2022; ©2022 ITN Edição 2022 do original em francês:

Nota aos professores: Para relatar erros de digitação à gerência, entre em contato com: admin.itn@gmail.com

Salvo indicação em contrário, as citações bíblicas referem-se à Almeida Corrigida Fiel (https://www.bibliaonline.com.br/acf)

Descrição do curso

Descrição

Este curso compara a cosmovisão expressa na Bíblia com aquelas representadas no contexto do ministério, com foco em Cristo como vencedor sobre o pecado, Satanás e outros poderes que influenciam os indivíduos e a sociedade.

Razão fundamental

Narrativa

Cada sociedade e cultura tem sua própria compreensão dos elementos do universo que influenciam o cotidiano dos seres humanos. Muitas culturas vinculam esse entendimento a histórias da criação, outras a mitos religiosos agrícolas ou outras narrativas. O pastor da Igreja do Nazareno tem o privilégio de explicar a cosmovisão dos povos bíblicos (Israel e outras culturas do Levante, o mundo greco-romano da 1^{aD} século da nossa era), para os membros da Igreja e para os não crentes cujos pensamentos vêm de outra época e de todas as outras visões do mundo.

Para ajudar o aluno a fazer melhor este trabalho, este curso irá lidar com histórias básicas de várias culturas africanas e compará-las com os relatos bíblicos da criação e redenção. Em conclusão, este curso apresentará Jesus Cristo como o conquistador de todas as forças espirituais, seja no nível pessoal ou no nível da criação.

Objetivos do programa

As seguintes metas curriculares atribuídas a este módulo identificam as competências que se espera que o aluno alcance por meio deste módulo.

CON 8	a posição e ensinamento da Igreja do Nazareno sobre fenômenos religiosos
CON 9	as diferenças entre as doutrinas evangélicas e o ensino das seitas, em particular das seitas africanas
CON 12	a aplicação da moral cristã à vida cotidiana

COM 3	a capacidade de defender as doutrinas e posições da Igreja do Nazareno
CAR 5	expressa humildade e interdependência em todos os relacionamentos pessoais da vida
CAR 6	Valorizar relacionamentos abertos, retidão e honestidade
---	
CXT 1	entende a história africana no contexto da história mundial
CXT 2	entender o contexto em que vive e olhar para ele de forma objetiva
CXT 3	compreende os princípios do ministério transcultural
CXT 4	entenda as diferenças entre a visão de mundo no Ocidente, na África e na Bíblia
CXT 5	interpretam em bases científicas e bíblicas uma posição cristã sobre magia, espiritismo e medicina tradicional e cura

Objetivos do curso

Para atingir as competências acima referidas, este módulo organiza as suas atividades e requisitos em torno dos seguintes objetivos específicos: No final do curso o aluno . . .

1. Compreender o papel das histórias e práticas religiosas na manutenção da ordem social (CON 12, CXT 1, 4).
2. Compreender os diferentes pontos de vista sobre o papel dos verbos sagrados nas forças espirituais (COM 3, CXT 2).
3. Compreender os fenômenos religiosos como parte da visão de mundo de uma sociedade (CON 8, COM 3, CXT 8).
4. Pode explicar o evangelho em termos dos meios que Deus preparou para o homem se reconciliar (CON 9, COM 3, CXT 3).
5. Pode comparar diferentes pontos de vista sobre os elementos do universo, sejam espirituais ou materiais (CON 9, 12, COM 3, CXT 2, 4).
6. Poderá observar sua atitude em relação aos não cristãos e corrigi-la, se necessário (CAR 6).
7. Poderá ver a importância da posição cristã que permite aos crentes falar diretamente com Deus (CAR 5, CXT 2).
8. Alegrai-vos que Jesus Cristo é vitorioso sobre todas as forças espirituais e do mal (CON 9, 12, CAR 5).

As aulas e atividades deste curso apresentam as seguintes percentagens dos "4 C's":

Conteúdo	30%
Competência	15%
Carácter	15%
Contexto	40%

Recursos usados:

Heibert, Paulo. *Entendendo as religiões tradicionais*. FPCOTN
Livro de exercícios do aluno "Visões comparadas do Mundo".
Leituras selecionadas.

Responsabilidades do aluno:

1. Frequência regular às aulas. A ausência de mais de duas horas e meia ao curso resultará em uma redução de 25% na nota final.
2. A leitura de vários textos selecionados, com relatório no final do curso (objetivos 1, 2 e 5). **10% da nota final**
3. Um estudo que compara os relatos bíblicos da criação (Gn. 1.1-2.4 e Gen. 2.5 ss) com as histórias de criação de sua cultura de nascimento ou a cultura de seu

ministério, notando em particular quais elementos dessas histórias lidam com a ordem política e social atual (objetivos 1, 3, 5). **20% da nota final**
4. Uma apresentação oral em grupo com discussão sobre a teologia apresentada por sua cultura nativa, incluindo a relação entre o alto deus e o ser humano no início, a causa de uma rutura dessa relação (ou fonte do mal ou da morte), os intermediários ou um plano de salvação que hoje regulam a relação entre o ser humano e o alto deus (objetivos 3, 4, 6 e 8). **20% da nota final**
5. Um estudo sobre a importância da posição cristã de que os crentes tenham acesso direto a Deus através de seu próprio convite
(objetivo 7). **20% da nota final**
6. Em exame final (objetivos 1-5). **30% da nota final**

Programação de aulas

Este curso pode ser apresentado como um programa intensivo, semi-intensivo ou semanal. As aulas representam tanto a leitura pelos alunos quanto uma apresentação pelo instrutor do curso. As aulas não têm todas a mesma duração, mas o curso pode ser concluído em uma apresentação intensiva de uma semana.

Lição 1: O conceito da criação do universo de acordo com diferentes culturas, bíblicas e africanas
Lição 2: Definição e explicação de "mito" e seu papel em nossa compreensão do mundo
Lição 3: O Papel da Humanidade na Criação ou Definição do Universo
Lição 4: A relação entre o ser humano e um deus supremo: no momento da criação, rutura, mortalidade do homem, possibilidade e necessidade de redenção com seu deus
Lição 5: Os intermediários entre a pessoa e seu deus
Lição 6: Relatos bíblicos e intertestamentários.
Lição 7: Demônios e Exorcismo
Lição 8: Banquetes e seus papéis religiosos
Lição 9: Jesus Cristo como vencedor sobre todas as forças espirituais

Nota: Exame final a nível de certificado

Para alunos de nível *certificado*, têm a possibilidade de fazer um exame oral final. Nesse caso, o monitor só fará as cinco perguntas que estão na **Seção B** referido exame, e cada questão valerá seis pontos. O instrutor receberá cada aluno um por um para fazer essas perguntas oralmente, dando tempo suficiente para uma resposta abrangente.

Introdução

Falando das religiões tradicionais africanas, René LUNEAU diz isso na página 11 de seu livro intitulado, *As Religiões da África Negra: Textos Sagrados e Tradições*:

> Na África negra, sem ser tudo, a religião penetra em tudo e o negro pode ser definido como o ser "incuravelmente religioso": tradicionalmente, de fato, vive em íntima comunhão com o invisível e o sagrado; e se o islamismo e o cristianismo substituem inevitavelmente as crenças ancestrais segundo um processo irreversível, não parece, pelo menos por enquanto, que o ateísmo tenha qualquer chance de sucesso.
> Nenhum termo consegue, explicitamente, esgotar o conteúdo e a forma do sentimento religioso africano. Pelo contrário, parece, para usar a expressão de M. Griaule, como "um sistema de relações entre o mundo visível dos homens e o mundo do invisível governado por um Criador e poderes que, sob vários nomes e sendo manifestações deste único Deus, são especializadas em funções de todos os tipos... A religião, para usar a expressão de G. Granai, é definida como uma linguagem, "um meio de expressão que permite ao homem apreender-se nas relações mais íntimas com o universo", não pode deixar de incluir:
> *Animismo*, pois expressa a especificação da vida em figuras e poderes (daí a existência de almas, gênios, espíritos, ancestrais sublimados, divindades associadas ou derivadas, intermediários necessários entre Deus e o homem, que animam o universo e povoam os panteões tradicionais);
> *Totemismo*, tanto expressão da comunicação humano-animal, culto da fertilidade quanto da busca, pela sexualidade, da continuidade do fio parental (linhagem);
> *Ancestralidade*, comumente chamado de culto aos ancestrais (estes, ora divinizados, ora promovidos à categoria de gênios intercessores do homem com Deus, visam manter a ordem social e assegurar a autenticidade do culto e das crenças);
> *Naturismo* que, longe de se reduzir à adoração da natureza, como se acredita, corresponde antes à atitude cosmo mórfica, isto é, à apreensão do mundo como conjunto de significantes, como linguagem viva, como tecido de mensagens divinas para ser interpretado;
> *Fetichismo*, considerado sucessivamente em seu sentido etimológico (implica manipulação sagrada, manipulação do sagrado, ação ordenada do homem sobre os poderes sagrados pela magia do verbo técnico sacrificial, que ilustra a interação universal de forças), e em seu sentido vulgar (qualifica então as formas

degeneradas da religião - desvios para o sensível ou para o material, substituição do símbolo pela coisa simbolizada, transferência de poder para seu suporte - daí as superstições, as atitudes mágicas, a existência de amuletos e encantos);
Paganismo, na dupla condição de ver nela o culto da terra, a dimensão camponesa da religião (culto da terra como deusa-mãe, ritos agrários de fertilidade), e de acrescentar um equivalente para os povos que vivem da pesca (animismo dos pescadores), caça (animismo dos caçadores), coleta (animismo das matas) e pastoreio (animismo dos pastores).

Lição 1: Criação do universo

Introdução ao curso e esta lição

Como de costume no início de um curso, será necessário concluir as questões administrativas do curso. Cartazes de apoio são incorporados no final deste livreto. O oficial de justiça pode usá-los para manter a assiduidade e as contas de quem pagou as propinas.

Após as mediações, você pode apresentar o quanto quiser da discussão a seguir.

Este curso tem como objetivo principal estudar a ideia de uma visão ou perceção do mundo em que vivemos, e compará-la com a dos autores de a Bíblia, e tanto quanto necessário o das culturas ocidentais de onde vem um grande número de recursos para estudos sobre a Bíblia e sobre teologia. Esses recursos refletem a visão de mundo dos autores do material, sem que eles saibam. Por exemplo, um autor que vive em uma cultura que não experimenta com frequência o mundo dos espíritos malignos não pode interpretar as passagens bíblicas que falam sobre ele de uma forma que satisfaça aqueles que o vivenciam com frequência em sua vida diária. É tarefa do pregador e mestre na Igreja apresentar a mensagem de a Bíblia, livros escritos a partir de um ponto de vista ou visão de mundo diferente daquele de sua cultura, e interpretá-lo de tal maneira que faça sentido em sua cultura que vê as coisas de outro olho. Se as fontes que usamos para estudar a Bíblia e a teologia vem de uma terceira cultura, nem bíblica nem sua, a situação é ainda mais complicada.

Cada cultura tem sua própria visão de mundo, e essa visão de mundo se desenvolve ou evolui com outros elementos em desenvolvimento da cultura, às vezes mais rápido e às vezes mais devagar. Uma cultura supostamente primitiva que experimentou pela primeira vez a influência ocidental em meados do 20º século e que incorporou grande parte de sua tecnologia em muito pouco tempo, talvez evolua muito mais lentamente em termos de sua compreensão do mundo espiritual, adaptando-se não imediatamente à visão de mundo ocidental. Muitos africanos cuja cultura vivenciou a cultura ocidental e a influência do cristianismo por mais de um século ainda recorrem a praticantes de religiões tradicionais em crises familiares, por causa de sua visão de mundo que não mudou muito em decorrência de todos os anos de influência ocidental.

Este curso apresentará, portanto, diversos temas como elementos de uma visão de mundo de qualquer povo. É trabalho do professor ajudar os alunos a encontrar e compreender as diferentes visões de mundo representadas em seu local de ministério. Usaremos a discussão guiada para fazer isso, com base nos documentos do curso apresentados neste livreto.

A primeira lição abordará um dos pontos mais óbvios de diferentes culturas, sua compreensão da criação: a história da criação, a relação entre matéria e espírito e o papel de Deus ou deuses no ato da criação. cuidar desta criação depois. Não tenha medo de deixar os alunos expressarem ideias diferentes que eles têm ou tiveram, e especialmente o que ouviram de membros da igreja ou pessoas em seu campo de ministério.

Meditações:

Normalmente, os hábitos do centro para a preparação das meditações serão exercitados para cada sessão ou para cada dia de estudo. Desta vez, porém, sugere-se que o professor escolha um texto bíblico (fora do a gênese) que trata do tema da criação. Você pode usar o Salmo 8, 19 ou 104. Também podemos ver a poesia sobre a criação da sabedoria em Provérbios 8.22-31, ou outras passagens. A partir daí, podemos lidar com outros assuntos a cada dia, e você pode atribuir as meditações que desejar (*veja sugestões para cada lição*).

Curso desta lição:

1. Assuntos administrativos (veja acima)
2. Meditações (veja acima)
3. Apresentação gratuita da introdução a este curso (ver acima)
4. Estudo do programa do curso, com foco em objetivos instrucionais específicos. Reserve um tempo para descrever os conceitos incorporados a esses objetivos. (É raro um aluno que ainda não experimentou outra cultura por um período fixo de vários meses entender os conceitos de uma visão de mundo, ou ser capaz de refletir sobre essas ideias como alguém fora de sua própria cultura.)
5. Discussão do Prefácio com comparação entre as ideias ali apresentadas e os pontos de vista dos membros das comunidades atendidas pelos alunos.
6. A apresentação do documento N° 1 sobre a criação.
7. Atividade do grupo

Estudo sobre o programa do curso:

1. Leia a "Narração" em voz alta pedindo aos alunos que a acompanhem em seus cadernos. Permita que os alunos façam algumas observações sobre isso a partir de sua experiência.

2. Explique depois que o curso abordará alguns aspetos dos objetivos do programa atribuídos a este curso, mesmo que não abranja tudo para todos. Este curso, no entanto, se concentrará nos três objetivos, CXT 2, 4 e 5. Iremos também, graças aos exercícios da aula, lidar com outros objetivos de uma forma mais ou menos direta.

3. Introduzir lenta e claramente, com explicações, se necessário, quaisquer objetivos de treinamento específicos.

4. Anote as responsabilidades do aluno em relação às aulas particulares do curso.

a. Os textos a serem lidos incluem os documentos numerados que estão incorporados neste caderno e no caderno do aluno. Esperamos também ter um livro didático disponível com vários capítulos para ler.
b. O Relatório de Criação é um relatório escrito que os alunos devem começar a desenhar desde a primeira aula. A discussão em grupo pode ajudá-los com isso.
c. A apresentação oral (responsabilidade n.º 4) está diretamente ligada às aulas n.º 4 e 5 e será apresentada nas aulas, em alguns grupos de cada vez, a partir da aula n.º. 7.
d. A Tarefa nº 5 será na forma de uma lição da Escola Dominical e será entregue no início da Lição nº 9.

Discussão do Prefácio do Curso (copie no caderno do aluno)

O Prefácio deste curso apresenta definições que representam os diferentes sistemas usados para conceber a relação entre o mundo espiritual e o mundo material da criação. A primeira frase indica que essas definições lidam mais com as variações encontradas na África Negra. Outras culturas em outros lugares devem-se a outros sistemas que são encontrados na África apenas por influências estrangeiras. Peça aos alunos que se revezem na leitura das diferentes definições, parando após cada uma para lhes dar a chance de fazer perguntas e comparar o novo sistema com os anteriores.

Observe ainda que nesta lista não se encontra o politeísmo clássico que muitas vezes é um desenvolvimento do naturismo, onde as forças da natureza são concebidas como deuses particulares em vez de forças completamente naturais. Isto é o que encontramos durante o período dos profetas escritores do 8.° século a.C.

Dentro a Bíblia, a religião de Baal é uma combinação de totemismo e fetichismo do primeiro tipo. O padre tentou manipular as forças espirituais através de ritos precisos e magia. As pessoas da rua, por outro lado, exerciam ritos de totemismo para garantir a fertilidade da terra e dos animais: relações sexuais com prostitutas "sagradas", homens ou mulheres. De fato, é essa religião que Deus queria que Israel destruísse no período da conquista. A influência desta religião foi uma armadilha em Israel até o ministério de Eliseu, e não é vista novamente após a morte de Jezabel (2 Reis 9). No Novo Testamento, vê-se um monoteísmo puro na Palestina (além das cidades de forte influência romana) e um politeísmo sincretista nos países que circundam o mar

Mediterrâneo. A cidade de Éfeso, durante o ministério do apóstolo Paulo, foi a capital do mundo da magia espiritual – o fetichismo da época. Lucas apresenta o relato de uma grande cerimônia de queima de fetiches e livros de magia nesta cidade, dando ainda o valor presente do que havia sido queimado.

O chamado período "moderno" da filosofia ocidental tentou suprimir todo o conhecimento de um mundo espiritual, mesmo entre os crentes, onde a conceção de anjos (seres espirituais, servos fiéis de Deus) e demônios (seres espirituais rebeldes e servos de Satanás) não estavam no pensamento diário das pessoas, nem mesmo entre os crentes. Os colonialistas tinham essa mentalidade e, através do seu sistema de educação, tentaram exercer uma influência em África, que, no entanto, não foi amplamente difundida devido ao pequeno número de pessoas instruídas nas escolas. No Ocidente, a visão "pós-moderna" do mundo abre novamente as portas para a realidade do mundo espiritual através de um novo naturismo, senão de um sofisticado paganismo. Africanos bem-educados que ainda mantêm raízes de pensamentos tradicionais acrescentam sua influência no mundo ocidental como tal.

Deve-se notar, aliás, que o islamismo e o cristianismo na África, sobretudo onde uma formação muito boa não seguiu a introdução de uma ou outra das duas religiões, viu nascer várias seitas sincretistas que misturam práticas e ideias tradicionais com aquelas da religião "importada".

Estes são os contextos de nosso trabalho como pregadores e professores na África atual: aqueles (plural) do meio de seu ministério, os dos diferentes períodos da a Bíblia, e os dos recursos disponíveis para ele, escritos ou pessoais.

A apresentação do documento Nº 1 sobre a criação.

Este documento trará diversas reações dos alunos de acordo com seu nível de formação, por um lado, e pela novidade das ideias, por outro. Muitos alunos leem os dois primeiros capítulos de Gênesis apenas como uma apresentação literal dos eventos da criação, embora tenhamos lidado com a natureza poética e figurativa desses capítulos em outros cursos. Portanto, é necessário preparar a turma para a leitura deste documento em relação ao seu conhecimento dos alunos em sala de aula. Além disso, após esta leitura, nos dividiremos em grupos para começar a trabalhar na responsabilidade #3 duma comparação dos relatos bíblicos com as cosmovisões de nosso local de ministério. Portanto, devemos dedicar o tempo necessário para apresentar este documento com sabedoria.

Na maioria dos casos, os conceitos básicos de uma cosmovisão estão concentrados nas histórias da criação. Tais relatos são frequentemente documentos teológicos, sociológicos e "científicos" ao mesmo tempo. Como

documentos teológicos, apresentam o conceito de Deus ou deuses, os demais seres do lado do mundo espiritual e as relações entre o mundo espiritual e o dos homens e da matéria. Como documentos sociológicos apresentam o papel do homem e da mulher na sociedade; a ideia de aulas, se houver; o tipo de governo e quem terá o direito de governar; relações entre seres humanos e animais, bem como com o resto do mundo material. Como documentos científicos, as histórias representam o resultado de observações oficiais dos líderes da sociedade por gerações. Eles geralmente lidam com geologia, astronomia, biologia, etc.

Leia o relato da criação de Gênesis 2.4b a 2.25. Antes de ler, diga: "Entre as duas histórias da criação no início de a Bíblia, este é o mais antigo. À medida que lemos, tentaremos encontrar alguns dos tópicos discutidos - elementos teológicos, sociológicos ou científicos. " Vamos ler os textos. (*Então abra para discussão.)*

Faça o mesmo com Gênesis 1.1 a 2.4a. *Primeiro diga,* Este relato da criação data muito mais tarde na história de Israel do que o outro (o que significa que não foi escrito por Moisés). Já reflete uma reação de Israel às histórias da criação que os judeus enfrentaram durante seu exílio na Babilônia. O relato babilônico apresentava as águas, o sol, a lua e os agrupamentos de estrelas como deuses, e esses deuses eram organizados em níveis de importância — castas. Uma casta de deuses se rebelou contra as outras, e elas sofreram uma punição severa. Os seres humanos, segundo as histórias, foram criados para suportar o sofrimento que lhes é exigido. Assim, o ser humano, da classe baixa, não tinha valor em si mesmo. Além disso, a Babilônia tinha o direito de governar toda a terra porque o deus Marduk, patrono da cidade, foi o criador depois de derrotar todos os deuses rebeldes. Gênesis capítulo 1 apresenta assim uma visão do mundo, de Deus e do ser humano que reage contra este.

Peça aos alunos que vejam a cosmovisão judaica como uma reação à cosmovisão babilônica. Use as seguintes perguntas:

1. Quantos deuses existem? 2. O que são o sol, a lua e as estrelas? 3. Qual é o papel do ser humano? 4. No nível social, qual é a diferença entre homem e mulher? 5. Como o ser humano deve organizar sua vida para manter seu relacionamento com Deus?

Agora apresente o Documento nº 1.

Documento 1

Criação: ciência e fé são compatíveis?

Antes que a física moderna estabelecesse que nosso universo teve um começo mais ou menos material, as culturas humanas nunca deixaram de evocar uma origem da humanidade e do mundo: seres superpoderosos, em um tempo inicial, teriam criado o mundo e a humanidade. A tradição bíblica retomou essa representação das culturas que a cercavam, não sem trazer uma grande retificação ao substituir a ideia de múltiplos criadores, mais ou menos em competição, pela afirmação de que o mundo é obra de um Deus único e universal. . Mas até os tempos modernos a ideia dominante e geral é a de um processo instantâneo: ou que a vida surgiu espontaneamente (geração espontânea), ou que os seres foram criados por Deus em um único gesto que os fez como os conhecemos (criacionismo). Um não-cristão como Voltaire aderiu sem contexto a essa segunda hipótese.

O criacionismo cristão se apoiou nos primeiros capítulos de Gênesis, lidos literalmente e mantidos, em seu sentido realista, como palavra revelada. Podemos imaginar o choque causado pelas teses evolucionistas que, de Darwin a Mendel, impuseram uma visão do mundo doravante inseparável da evolução. Em resposta a este desafio, foi apresentada a ideia de um criacionismo repetitivo, que continuava a recusar qualquer ideia de transformação das espécies. Em última instância, o criacionismo consentiu com a perspetiva da evolução, mas removendo dela o homem, distinguindo-se nisto do resto do reino animal. Na atualidade a maioria das Igrejas cristãs abandonou o criacionismo que não é mais professado por grupos conservadores, e ainda mais fortemente por fundamentalistas nos EUA

Mas essa nova atitude não significa abandonar as afirmações bíblicas tradicionais de que o mundo foi criado por Deus e que o homem foi feito à sua imagem. Ao contrário, assistimos a uma reorientação sobre o sentido profundo dessas proposições: a saber, que o homem não é sua própria fonte, que não habita o mundo como um ditador que poderia usá-lo arbitrariamente, que o mundo está imbuído de uma inteligência que ultrapassa a do homem, ou que o homem, enquanto pertencente ao reino animal, é portador de uma dignidade irredutível à superioridade morfológica (a posição ereta ou o uso da mão) ou intelectual (o volume do cérebro, o tamanho de seu vocabulário e sua capacidade de refletir sobre o mundo ao seu redor e sobre as ideias dos outros). Tais proposições não entram em conflito com a lógica científica. Eles são apenas, e sem concorrência, de outra ordem.

Divida a classe em grupos para uma atividade baseada nessas três leituras.

Instruções. Tente responder as seguintes perguntas:

1. O que você vê como um indício de organização social e/ou governo ideal?
2. Se existe um mundo espiritual, onde está de acordo com os relatos bíblicos?
3. Que relacionamento o homem e sua esposa devem manter com Deus? Como?
4. Qual é a relação entre seres humanos e animais? Entre o ser humano e a matéria da terra?
5. Compartilhe uma ou mais histórias de criação africana entre vocês. Faça as mesmas perguntas sobre essas histórias.
6. Prepare-se para apresentar os resultados desse trabalho em classe durante a próxima lição.

FIM DA LIÇÃO

Lição 2: "Mito" e seu papel no desenvolvimento de uma visão do mundo

Introdução a esta lição

Nesta lição, revisaremos o material da lição anterior com relatórios de cada grupo como resultado de suas discussões. Como havia várias questões a serem abordadas, os relatórios podem ser bastante longos. Assim, o tempo pode ser suficiente apenas para dois grupos e comentários depois. O que importa, no entanto, é ter certeza de que os alunos entendem o significado de uma história da criação e, principalmente, da cultura básica das pessoas que habitam seu local de ministério.

Meditações

Se esta aula ocorrer durante a tarde de uma semana intensiva de aulas, provavelmente não haverá meditações no início da aula. Se, por outro lado, você usa um sistema diferente do intensivo, deve começar com um breve período de meditação na palavra de Deus, à escolha do responsável por ela.

Desenrolar da lição

1. Meditações
2. Relatórios do Grupo de Criação
3. Instruções para a Tarefa nº 3
4. Apresentação do documento nº 2
5. Discussão orientada sobre o conceito de mito e seu papel no desenvolvimento de uma visão de mundo.
6. Apresentação do documento nº 3
7. Atividade em grupos em torno dos mitos locais e sua função na sociedade.

2. Relatórios do Grupo de Criação

Durante a primeira aula vimos a importância das histórias da criação como fonte de pressupostos de verdades espirituais, materiais, sociais e políticas. Você tentou em grupos comparar os relatos bíblicos com os de sua cultura e preparar um relatório para dar em aula. Queremos, portanto, pedir a alguns dos grupos que apresentem os resultados de sua discussão, e a outros que façam críticas, acrescentem outras ideias ou façam o que for necessário para que todos possamos nos beneficiar ao máximo deste exercício. O objetivo desta atividade é nos ajudar não apenas a interpretar melhor os relatos bíblicos da criação, mas

também a ver como outras passagens bíblicas refletem a visão de mundo dos leitores originários dos textos de a Bíblia. Assim podemos pregar melhor o evangelho e assegurar aos crentes a vitória que eles têm em Cristo.

Então peça a um dos grupos para se voluntariar para iniciar este exercício. Ouça bem e faça seu relatório completar os objetivos do exercício. Não os corrija, mas peça aos outros que sugiram algumas observações e/ou correções de acordo com seu ponto de vista.

Faça o mesmo com outro grupo. Por fim, incentive cada grupo a contribuir para a discussão.

Depois de participar, faça a seguinte pergunta a vários alunos da classe: "Como esse exercício o ajudou a interpretar a palavra de Deus para os membros de sua igreja?"»

3. Instruções para a Atribuição nº 3:

Um estudo que compara os relatos bíblicos da criação (Gen. 1.1-2.4 e Gen. 2.5 s) com as histórias de criação de sua cultura de nascimento ou a cultura de seu ministério, notando em particular quais elementos dessas histórias lidam com a ordem política e social atual (objetivos 1, 3, 5). 20% da nota final

A Tarefa nº 3 é uma tarefa escrita. Este trabalho é tão importante que os alunos serão solicitados a guardá-lo, depois de marcado, em seu arquivo pessoal.

As instruções não são tão difíceis, pois a tarefa é apenas transformar a discussão do grupo em uma apresentação pessoal, somando as reflexões pessoais às do grupo.

1. Mostre uma comparação entre os relatos bíblicos e os da cultura onde você ministra. Observe até as diferenças e semelhanças entre os dois relatos bíblicos quanto aos relatos da cultura local.
2. Tente notar quais aspetos da vida sobre os quais as diferentes narrativas quiseram apresentar as normas da vida atual (existência e papel dos seres espirituais, relação entre os humanos e o mundo espiritual, a composição da sociedade e os papéis dos diferentes membros, o papel e finalidade do trabalho, fonte do mal ou males naturais e/ou sociais, etc.).
3. Os relatos bíblicos parecem propor a teodiceia (governo do próprio Deus) como um sistema administrativo ideal. Tente determinar o que as narrativas locais apresentam como sistema administrativo ou governamental como o ideal.
4. Avalie este sistema contra a vida da igreja onde todos devem ter a liberdade de expressar os dons que o Espírito lhes concede, e determine um sistema mais cristão do que o proposto pelas histórias da criação.

5. Determinar a melhor forma de administrar a igreja levando em consideração o sistema apresentado no *Manual da Igreja do Nazareno.*

4. Apresentação do documento Nº 2: "O que é um mito?»

Introdução: A palavra "mito" tem seu significado popular que incorpora a ideia de que a narrativa é apenas uma história fantasiosa, que não representa a verdade do que aconteceu. Mas essa mesma palavra também tem um significado filosófico e social no que diz respeito ao papel da narrativa. **Esse significado permite a possibilidade de que a narrativa contenha verdades históricas**. Este documento apresenta o segundo significado desta palavra.

Documento 2

O que é um mito?

O mito é uma história cuja finalidade é contar a origem do que existe, explorar a complexidade do mundo em meio ao qual os homens vivem. Tem uma função explicativa. Como tal, representa uma das modalidades da reflexão humana. Serve também para justificar as convenções que organizam a vida dos indivíduos e dos grupos: visa estabelecer e estabelecer a vida de quem a conta. Para isso, situa-se voluntariamente num tempo primordial, "naquele tempo", tempo dos deuses, fora da nossa cronologia. O mito é anônimo e coletivo. Muitas vezes é lido durante a celebração de uma festa que ritualmente recolhe elementos dela. É o caso do mito mesopotâmico de Ishtar e Tammouz: ela é a senhora do solo e da vegetação, e ele, o deus-pastor, é responsável pela alternância das estações. Esse mito, imitado durante a véspera de Ano Novo, garantiria ao país um ano frutífero. A religião de Baal não tem uma história da criação, mas tem vários mitos que tratam das relações entre os deuses em relação às estações do ano e à fertilidade da terra. Outros mitos servem para iluminar os mistérios da condição humana. Há também mitos que expressam não as origens, mas o fim da história, o esperado mundo novo; eles são chamados "escatológicos" e são encontrados em particular nos apocalipses.

O racionalismo do século 19° século se concentrou no mito dos juízos muito negativos, assimilando-o a uma forma de pensamento pré-lógico, irracional, que só viria do imaginário. Mais recentemente, uma conceção muito mais positiva tem se afirmado: o mito aparece como uma linguagem feita para apreender as realidades que a linguagem atual não designa; é o meio de designar realidades invisíveis ou transcendentes, de explorar os mistérios (mistérios ou segredos) da vida. O mito pode carregar uma verdade mais profunda do que a verdade histórica. Poderíamos dizer que foi um "esforço para conhecer o incognoscível" (Buess). Pode até ser que, bem entendido, implique um jogo e uma distância que o impeçam de ser tomado ao pé da letra, contrariando a ingenuidade que

atribuímos aos seus ouvintes ou leitores. Por definição, então, "mito" nesse sentido não significa necessariamente "falsidade". Ele tenta dizer a verdade compreendida por uma cultura, às vezes com fatos históricos que não podem ser verificados, às vezes com fatos históricos verificáveis, e às vezes apenas com a imaginação.

Assim, a tradição bíblica encontra a linguagem do mito, especialmente nos primeiros onze capítulos de a *Gênese* que estão na raiz escura da história. A memória de mitos muito famosos do mundo antigo vem à tona neste texto. Outros também veem nos relatos dos patriarcas, e mesmo no Êxodo, relatos que têm a importância dos mitos, ainda que representem histórias mais ou menos verificáveis. Mas a Bíblia favorece demais a história para ter uma relação pacífica com o mito, que é essencialmente a-histórico. Na verdade, ela usa motivos míticos que submete a um severo tratamento desmistificador. Ela, de fato, adota o meio de expressão de uma linguagem simbólica que lhe permite evocar realidades que vão além da experiência.

5. Discussão em classe sobre este documento:

a. De que maneira a história do Êxodo segue as definições de um mito? **(Lembre-se que a palavra "mito" não significa para os cristãos uma falsidade, mas uma história verdadeira que desempenha um papel instrutivo).**

A história se repete durante uma cerimônia e uma época festiva.
A narrativa forma a base para entender quem são os judeus como povo diante de Deus.
Serve para organizar a vida anual das pessoas.

b. Os eventos que compõem o relato do Êxodo, quantos deles podem ser considerados fantasiosos por aqueles que duvidam de sua verdade (o racionalismo do 19º século)? [1]

c. Como a história da ressurreição de Jesus funciona como um mito? **(Ver nota após a pergunta "a").**
Há várias respostas a esta pergunta, incluindo muitas explicações que o apóstolo Paulo dá ao significado da ressurreição.
Nova vida em Cristo e o ritual do batismo
Nossa participação atual na vida eterna, mesmo que apenas parcial
Definição de um cristão
Centro de História Humana

[1] NB. -- Os eruditos bíblicos conservadores não duvidam da veracidade dessas histórias.

d. Por que é importante contar essas histórias (o Êxodo, a ressurreição) e outros na vida da Igreja? Como eles nos ajudam a entender quem somos, a necessidade de aprofundar nossa consagração ao Senhor e nosso papel como discípulos de Jesus no mundo?

e. Quais são os perigos de usar esta palavra "mito" no ensino da Igreja? Como o pastor pode apresentar essas mesmas ideias sem usar a palavra?

6. Apresentação do documento Nº 3: "mitos e criação nas religiões africanas"

Introdução. O documento Nº 3 reforça de alguma forma o trabalho que fizemos na primeira lição. O Rev. O BANZA apresenta vários "mitos" africanos da criação que podem ser usados como comparação entre eles e também com os relatos bíblicos.

Documento 3

Mitos e Criação nas Religiões Africanas

A humanidade está em uma posição central dentro do cosmos. Excecionais são os povos negros cujos mitos insistem na criação do Universo, mas é o caso entre os *Bambara* do Mali:

> Antes da criação reinava o vazio, um vazio dinâmico e duplo: glâ-glâ-zo.. Emitiu uma voz, depois uma força, que produziu um "fogo de vento" que sucedeu uma imobilidade de gelo. Assim foram anunciados os pontos cardeais; então as vibrações do vácuo original produziram sinais que vieram a ser colocados nas coisas incriadas, mas na autoridade (o esforço) do ser. Então se destacou um elemento que pousou em cada um deles para conhecê-los.
>
> As coisas têm, portanto, de acordo com o *Bambara*, foram designados e nomeados antes de existirem, "mas não são conhecidos como tal senão na consciência do homem, grão ou princípio do Universo".

Tais mitos são raros, em qualquer caso, muito poucas histórias nos foram relatadas que estão interessadas no mundo antes do aparecimento do homem. Em geral, o Gênesis começa, na maioria das vezes, com a criação da humanidade:

De acordo com *negrilles* do Gabão, ou o *Dogon* do Mali, o homem foi amassado no barro (argila, terra ou caulim) pela divindade; para o *Tonga* de Moçambique brotou de uma cana (uma massa); entre os Venda no sul do Limpopo, a divindade, na forma do Píton, vomita a criação: vomita 7 + 2 pessoas. Esses primeiros homens-espíritos vagavam pelo universo, mas ainda não havia luz. Quando eles morreram, eles foram colocados no céu.

Esses homens-espíritos, para os iniciados mais avançados no conhecimento, são os 7 planetas mais a Lua e o Sol que iluminam o mundo: o rei é o Sol, sua irmã-rainha é a Lua; o casal gerou pares de gêmeos de sexos diferentes que deram à luz seres únicos, os dos tempos históricos.

De uma árvore para *herero*, ele emergiu da terra entre os tswana do sul da África ou desceu do céu tutsi.

Tohonon Mawu, dono do céu Eva criou o universo, colocando uma grande cabaça cujo fundo é a terra e a tampa é o céu. Ele então fez homens, animais, plantas. Ele viveu com eles até o dia em que, dececionado com sua conduta, retirou-se para o céu.

Não se trata de uma condição divina perdida, porém esses primeiros ancestrais foram dotados de características que os tornaram seres eminentes; eles eram muitas vezes andróginos:

O *Dogon* afirma: "Cada ser humano, desde o início, foi dotado de duas almas de sexos diferentes, ou melhor, de dois princípios correspondentes a duas pessoas distintas". Os ancestrais primordiais eram quatro machos e quatro fêmeas e "poderiam fecundar-se, sendo duplos e de ambos os sexos". Assim, é contabilizada a existência das oito famílias Dogon.

Costuma-se dizer que nos primeiros tempos os humanos eram imortais:

De acordo com *Bassa* de Camarões, Lolomb, a divindade que nunca dormia, exigia que os homens estivessem sempre atentos, caso contrário a morte apareceria no mundo. Mas eles não resistiram ao sono e a morte começou seu trabalho.

O *Tonga* desenvolveu um mito extremamente interessante: Deus enviou aos seres que acabara de trazer do pântano dois mensageiros, um lento (o camaleão) levando a mensagem: "Os homens morrerão, mas ressuscitarão", o outro rápido o lagarto carregado para dizer, "Você vai morrer e apodrecer no chão. "O lagarto veio primeiro e é por isso que os humanos morrem.
As primeiras criaturas não conhecem a fome, contam muitos mitos (*Mossi* e *Bwa* de Burkina, Dinka e *Giziga* Camarões, por exemplo). O céu e a

terra estavam então tão próximos que os homens, estendendo as mãos, podiam cortar os pedaços de nuvem de que se alimentavam. Mas um dia, diga o *Giziga*:

Uma menina, aquela que fez tudo errado, viu sementes no chão. Ela os pegou e começou a bater neles. Ao fazer isso, ela deu grandes golpes de pilão no céu que se afastaram com raiva. A partir de agora, foi preciso trabalhar para se alimentar, assegura a história.

Foi também então que os homens começaram a brigar porque Deus não desceu mais à terra para conversar com eles e não resolveu seus problemas. Logo eles estavam em guerra.

Assim, essas histórias pretendem explicar o inexplicável: uma criação perfeita e uma humanidade imperfeita. Fazem isso por meio de uma palavra simples e concreta que pode nutrir a meditação de todos, mas que, por ser esotérica, reserva seu conteúdo filosófico apenas aos iniciados.

Os mitos usam os elementos que cada povo tem ou que todos têm: terra, céu, água, fogo, ou seja, o mundo sensível. A expressão é sempre cativante, dá por meio de símbolos e comparações um ensinamento progressivo. Algumas histórias são conhecidas de todos, mas a revelação do seu significado oculto só é feita a quem, tendo a capacidade de pensar, sabe fazer a pergunta certa e integrar os elementos dispersos que lhes são entregues em várias ocasiões e que fazem é um resumo pessoal.

(Comentários: os Bambara do Mali falam de um "fogo de vento". A Bíblia usa essas mesmas duas expressões, fogo e vento, ao falar do Espírito de Deus [ver Gn. 1.2]. O Gigiza concorda com a Bíblia, dizendo que a ausência de Deus deixa os homens agirem mal. De acordo com nossa doutrina, a privação [ausência] do Espírito de Deus no momento da queda causou a depravação do homem [ver Rom.1.24-32].)

Atividade em grupo: Discussões sobre mitos locais. Responda às seguintes questões.

1. Quais são os mitos locais e quais são suas funções no que diz respeito à socialização de crianças e adultos?
2. Quais são os "mitos" cristãos?

FIM DO LIÇÃO

Dever de casa para a próxima lição: Leia Gênesis 1 e 2 e esteja preparado para discuti-los.

Lição 3: A Humanidade na Criação e no Universo

Introdução a esta lição

Nesta lição, trataremos do assunto da importância, papel e função dos seres humanos no mundo material e espiritual. Trata-se de questões como o relacionamento com Deus ou com os deuses, ou com outras formas de ver o lado espiritual do universo; sua relação com o mundo dos animais e até das plantas; sua relação com a própria terra. O Rev. O BANZA apresenta no Documento N° 4 um pequeno número de exemplos de como os mitos desenham o caráter do ser humano e seu papel no universo. Também apresenta como as histórias bíblicas se comparam com esses mitos. Teremos a oportunidade de ler nós mesmos as histórias bíblicas e determinar a função dos seres humanos em relação ao resto da criação.

Meditações

Para a meditação no início desta lição será uma boa ideia tratar da ideia do valor do ser humano, especialmente no ensinamento de Jesus. Observe também que esse valor permanece apesar da condição pecaminosa do ser humano. A verdadeira esperança proclamada pelo evangelho é que Deus pode curar o ser humano de todo o problema do pecado em sua vida individual e na sociedade, se ele aceitar e aplicar a verdade do evangelho em sua vida privada ou pública. A condição espiritual do ser humano não muda sua função na criação nem sua responsabilidade para com Deus como vice-governador.

Desenrolar da lição

1. Peça relatórios de grupo sobre o exercício do final da lição anterior.
2. Tirar conclusões desta discussão em relação ao atual ministério lá.
3. Apresentação do Documento nº 4.
4. Discuta em aula os mitos locais e a definição e função dos seres humanos, ou os diferentes sexos da humanidade.
5. Trabalho em grupo (ver descrição abaixo).

Relatórios dos grupos sobre o trabalho da lição anterior.

tem. Deixe um ou dois grupos que ainda não relataram apresentar os resultados de suas discussões.

b. Permitir a discussão desses relatórios, incluindo acordos ou desacordos.

Conclusões sobre o seu ministério.

O ponto de toda essa discussão é que o público nas igrejas locais também está bem ciente desses mitos, e os membros da igreja ainda podem ser influenciados pela chamada verdade que esses mitos propõem. Nesse caso, o pastor deve ser capaz de convencê-los não apenas da verdade bíblica, mas também de construir sua vida e seu pensamento nos textos bíblicos do que em outras histórias populares.

Tente nesta discussão encontrar pontos em comum entre os mitos locais e a Bíblia, bem como pontos divergentes onde foi necessário entender melhor o que é dito a Bíblia. A Este ponto exigirá uma boa mistura de experiência entre os alunos em sala de aula. O professor deve antecipar algumas respostas a esta discussão e mostrar o que a Bíblia. Observação também que em certos pontos, é possível que os dois testamentos proponham respostas diferentes.

Apresentação do Documento Nº 4.

Introdução: Ao apresentar este documento a ele, os alunos devem ser instruídos a escrever os nomes dos mitos mencionados e parte do conteúdo em relação à lição. Os alunos precisarão conhecê-los para passar com sucesso no exame final do curso.

Observe também as questões colocadas no primeiro parágrafo do documento. Você trabalhará nisso durante o período de discussão no final desta apresentação.

Documento 4

Mitos de criação

As grandes culturas do antigo Oriente Próximo, muito antes de a Bíblia, desenvolveram histórias de criação. Esses mitos de origem tentam responder às perguntas que habitam o homem: Quem somos nós? Por que existimos? Que relações ligam a humanidade aos deuses? Por que o homem trabalha? Ao confrontar a Bíblia a esses documentos medimos os empréstimos que os autores bíblicos fizeram das culturas que os cercavam. Também descobrimos como eles reinterpretaram profundamente esse material a serviço de uma visão muito diferente de Deus e do homem.

O poema babilônico Enouma Elish, provavelmente escrito em meados do século XII° milênio antes de nossa era, é uma dessas fontes. Ele começa com estas palavras: "Quando o céu acima não tinha nome, e a terra abaixo não tinha nome, do oceano primordial seu pai, e da tumultuosa Tiamat sua mãe em ambos, as águas se fundiram. "Ele continua evocando a formação do mundo que surgiu de uma gigantesca batalha entre o deus Marduk e o caos aquoso formado por Tiamat e Apsou. Tendo triunfado sobre Tiamat, Marduk constrói o universo a partir do corpo dividido do monstro. Então Marduk cria o homem com o sangue de Kingou, um deus traiçoeiro que ele também derrotou. Este ser foi criado justamente porque Kingou e os outros deuses traidores não suportaram a punição que o conselho dos deuses lhes impôs. O papel, portanto, do homem era sofrer o castigo devido aos deuses e, assim, redimi-los. Capítulo 1 de a gênese, escrito na época do exílio na Babilônia, alude e critica esse mito: ao retomar certos motivos, recusa a ideia de um combate primordial e de um homem que seria o produto derivado do corpo de um deus vencido. Também de acordo com a gênese, o homem é a peça de resistência do criador, criado com o propósito de ter um relacionamento íntimo com Deus.

A Bíblia cruza também o poema de Atra-Hasis (o muito inteligente), datado do século XVII° século antes de nossa era, que narra a criação da humanidade. No início eram os deuses que tinham que se sustentar trabalhando com as mãos. Os grandes deuses, os Anunna, descarregaram esse trabalho em deuses inferiores, os Iguigou, que acabaram se revoltando. O deus Ea então fala, sugerindo a criação de homens responsáveis por prestar o serviço dos deuses: "Que o homem carregue a cesta do deus. "Assim, a deusa Mama e seus ajudantes fizeram homens de barro misturado com sangue e carne de um deus para servir aos deuses. Em contrapartida, o texto de a gênese descreverá um homem criado gratuitamente e recebendo em seu benefício a administração do Jardim do Éden.

O motivo da serpente que engana o homem, presente no capítulo 3 de a gênese, também é familiar a muitas mitologias. Muito próximo de Israel, ele aparece em particular na epopeia de *Gilgamesh* (XI° comprimido, 271-290). Após uma longa jornada, o rei de Uruk encontrou a planta da imortalidade. Mas quando ele atinge seu objetivo, ela é arrebatada dele pela serpente:

> *Guilgamesh desceu ao abismo e apoderou-se da planta... (Na volta) Gilgamesh viu uma fonte com águas frescas. (As) ele havia descido para se lavar em suas águas, uma serpente que havia sentido o odor da planta, silenciosamente saiu (do solo) e carregou a planta. Imediatamente ele jogou para trás suas escamas. A partir de então Guilgamesh, imóvel, continua a chorar.*

O texto bíblico refere-se ainda a outras fontes, egípcias em particular, mas também indo-europeias. Parece que os escritores dos textos bíblicos realizaram uma investigação minuciosa da questão das origens, tirando proveito das tradições que lhes eram acessíveis e que, a partir daí, elaboraram sua própria síntese.

Discussão em classe:

Primeiro, permita que os alunos reajam a este documento. Ele apresenta material completamente novo para eles em alguns casos, mesmo que seja semelhante aos mitos que as pessoas da sua área contam. Aqui temos um caso em que os autores de a Bíblia, mesmo sob inspiração, usavam e até contradiziam o material de que dispunham nas culturas de seu tempo.

Veja se há na cultura local ideias semelhantes às dos mitos citados no documento. As pessoas em sua cultura acreditam nesses mitos como fontes de verdade sobre os papéis de homens e mulheres? (Mais tarde, tomaremos o tempo para ler e discutir os textos bíblicos sobre esta questão. Estamos esperando até então para tomar algumas decisões sobre um plano para apresentar o evangelho que apresentará uma imagem bíblica da pessoa.)

De acordo com um aspeto da cultura ocidental, o homem é uma máquina a ser explorada para o progresso da indústria e, portanto, da sociedade da qual é membro. Onde grande parte da vida é baseada no lucro, o homem pode se tornar objeto de exploração por outros seres humanos que também se veem como máquinas em busca de lucro. Essa mesma cultura também vê a terra como um objeto a ser explorado para o lucro e para o conforto dos seres humanos.

Outras culturas reduzem a mulher a um animal ou escrava que serve apenas ao homem, seja ao marido ou a outros homens amigos e conhecidos do marido. Cada sociedade atribui papéis a homens e mulheres. Algumas empresas são mais flexíveis do que outras quando se trata dessas funções. Como sugestão, é sempre melhor não forçar demais essas prescrições se elas não reduzirem o valor de nenhum dos sexos. A Igreja ainda tem a responsabilidade de viver em bom testemunho público em todas as culturas. No entanto, o amor cristão pode permitir uma ampliação dos pressupostos culturais em favor das necessidades e do desenvolvimento dos membros da igreja em relação à sua cultura.

Atividade em grupo: estudo bíblico
Instruções:

1. Vamos ler os dois relatos da criação de acordo com Gênesis (1.1-2.3 e 2.4-2.25).

2. Observaremos apenas as letras que estão no texto, sem acrescentar mais nada que venha de nossa cultura ou de uma interpretação externa. (*Deixe o professor notar que este exercício é mais difícil do que se imagina, e corrija cada grupo ou cada aluno que acrescentar uma ideia que não está ali.*)
3. Portanto, responderemos às seguintes perguntas:

a. Além das diferenças sexuais, esses relatos indicam uma diferença no papel de homens e mulheres na vida cotidiana? (Quem trabalha a terra, quem prepara a comida, como vai trabalhar a família, quem limpa a casa, etc.?)

b. Essas histórias indicam uma diferença de papéis para homens e mulheres na sociedade? (O homem decide tudo, a mulher deve ficar calada, ou o contrário, etc.)

c. O texto indica que um é mais inteligente ou mais talentoso que o outro? Se sim qual? Se não, como devemos interpretar esse achado?

(*Observe seriamente: a palavra "ajudante" nos versículos 18 e 20 significa um igual ou superior que pode fazer o que o outro não pode. É esta palavra que a Bíblia costuma dizer: Deus é meu ajudador. A expressão "vis-à-vis" indica alguém igual, "à altura" do outro. A criatura especial que Deus prepara para o homem não é outro animal, nem é um ser humano em um nível inferior a ele para fazer o que não quer fazer – não é seu servo; ela é seu "vis-à-vis".»*)

d. Como podemos na Igreja garantir às mulheres o valor que Gênesis atribui a elas sem chocar demais a sociedade ao nosso redor?

e. Qual é a relação que os seres humanos devem ter com Deus?

f. De acordo com o Gênesis, que respeito os seres humanos devem ter pelo resto da criação?

FIM DO LIÇÃO

Trabalho de casa para a próxima lição

Leitura pessoal: Romanos 1.13-3.20

Responda as seguintes questões:

1. De acordo com esta passagem, qual é o problema primário de todo sofrimento humano, e o que pode ser feito para resolvê-lo?

2. Que maneiras as culturas em seu local de ministério oferecem como respostas para a primeira pergunta?

Lição 4: O Relacionamento da Humanidade com um Deus Supremo

Introdução a esta lição

Nesta lição, vamos retomar o assunto dos mitos para ver como as diferentes culturas da África e até de outros lugares conceberam a criação e a relação inicial entre Deus ou deuses e seres humanos, como essa relação foi quebrada e o que fazer para restabelecer esse relacionamento, se houver a possibilidade de fazê-lo. Os materiais para esta lição foram escritos pelo Dr. LOVETT Russell em conjunto com o autor principal deste curso, e eles tentam cobrir uma gama bastante ampla de pensamento cultural. Os grupos trabalharão a possibilidade de formular o evangelho de forma efetiva no lugar da pastoral estudantil. Neste contexto, trataremos também do conceito de sagrado.

Também vamos tratar das questões que fizeram parte da tarefa desta lição. Para fazer isso de forma eficaz, deve-se seguir a sequência da lição sugerida neste livro de exercícios para apresentar um contexto mais amplo do pensamento humano em relação ao assunto.

Meditação

Se o seu centro apresenta este curso de forma semi-intensiva, você precisa de uma meditação no início desta lição. Peça a alguém que tente processar um parágrafo do texto de leitura da Bíblia para esta lição. Uma das seguintes passagens pode ser eficaz:

Romanos 1.16-17
Romanos 2.28-29
Romanos 3.19-20

Curso da lição

1. Meditações se o ciclo da lição fizer com que esta lição comece em um novo dia. (Veja as instruções acima.)

2. Vá diretamente para o Material de Apoio 5, "Relacionamento Criador-Humano". (Para este folheto, o livro de exercícios fornece perguntas para os alunos responderem durante a apresentação.)

3. Verifique as respostas às perguntas na pasta de trabalho.

4. Discussão em classe sobre a seguinte questão: *Que diferenças você encontra entre o material deste documento 5 e os três primeiros capítulos de Romanos?*

5. Apresente o Folheto nº 6: "Mortalidade Humana e Reconciliação.»

6. Trabalho em grupo (ver instruções no final da lição).

Documento 5

Relações entre o criador e o ser humano

Introdução

Falando das religiões tradicionais africanas, René LUNEAU diz isso na página 11 de seu livro intitulado, *as religiões da áfrica negra*: *Textos Sagrados e Tradições*:

> *Na África negra, sem ser tudo, a religião penetra em tudo e o negro pode ser definido como o ser "incuravelmente religioso": tradicionalmente, de fato, vive em íntima comunhão com o invisível e o sagrado; e se o islamismo e o cristianismo substituem inevitavelmente as crenças ancestrais segundo um processo irreversível, não parece, pelo menos por enquanto, que o ateísmo tenha qualquer chance de sucesso.*
>
> *Nenhum termo consegue, explicitamente, esgotar o conteúdo e a forma do sentimento religioso africano. Pelo contrário, parece, para usar a expressão de M. Griaule, como "um sistema de metáforas múltiplas, mas referindo-se ao mistério do ser divino.*

Como você pode imaginar, há uma grande variedade de ideias sobre o assunto deste documento. As diferentes visões de mundo permitem uma ampla seleção de ideias de quem é o criador, se houver, e como o primeiro ser humano apareceu na Terra. Ambos os relatos bíblicos enfatizam o fato de que um Deus existia antes da criação e que ele criou os seres humanos com três propósitos principais: ter um relacionamento íntimo com eles, servir como governador sobre o resto da criação e que eles formem uma sociedade baseada em uma moral divina em contato regular com ele. Acreditamos que essas duas histórias fazem parte da revelação divina sobre os seres humanos e sua relação com Deus.

Vimos nas últimas lições que essa cosmovisão é apenas uma entre muitas. Quanto a outras culturas bíblicas, temos informações sobre apenas algumas, incluindo os egípcios, cananeus e babilônios. O lugar do nosso ministério é o das várias culturas da África negra francófona, que compartilha visões de mundo de outros cantos do continente, porque a Francofonia é apenas uma imposição humana recente na história africana. Vamos, portanto, dar uma olhada nos diferentes pontos de vista representados por essas culturas, bem como algumas ideias modernas e pós-modernas.

Parece que muito pouco se sabe sobre os mitos da criação do ponto de vista egípcio. De fato, o Egito como a Bíblia o descrito não é o mesmo da pré-história, pequenos lugares independentes com cultos e deuses locais. Com a unificação do país, encontramos uma situação extremamente politeísta com vários deuses que dirigem cada um diferentes assuntos da vida cotidiana. Com o desenvolvimento do sistema político onde um faraó reinou sobre todo o país, ele foi considerado o filho dos deuses (auto de Osíris, que garantiu a continuação da vida, auto de Hórus que derrotou o deus da morte e restaurou a vida de Osíris como governante do submundo, o lugar dos mortos). Para os egípcios, sua vida parece mais ligada às histórias dos mitos que tratavam do cotidiano do que aos mitos que os definiam como uma criação especial.

Encontramos o mesmo fenômeno entre os cananeus: em toda a literatura disponível, não encontramos um mito da criação, apenas a garantia da preservação da vida graças à vitória de uma deusa (Astarte) sobre o deus da morte (Palavra), para reviver Baal, deus da tempestade que garante água para os campos e aquele com um poder que faz temer os seres humanos, que o torna digno de adoração (no medo no lugar do que no amor). O papel dos seres humanos neste sistema é manipular magicamente os deuses para que façam o que for necessário para enviar chuva.

Para os babilônios, a criação dos seres humanos segue o rompimento das boas relações entre os deuses, como vimos no Documento 4. O ser humano neste mito não experimentou uma relação íntima com o criador, mas através de seu sofrimento, ele reconcilia os deuses para manter a paz no mundo espiritual. Essas histórias explicam tanto a razão do sofrimento humano e a fonte da paz mundial quanto a criação do homem.

Entre as histórias africanas, há toda uma gama de ideias, desde a criação do homem no céu, até uma criação na própria terra, até mitos que falam da criação do homem em um lugar subterrâneo. Os primeiros se dividem sobre a ideia de por que o ser humano desceu à terra, seja por plano do criador, seja como punição. Estes últimos incorporam à história que os primeiros casais (ou um, ou dois) chegaram ao nível do solo através de um buraco na terra, ou uma rutura na rocha.

Pontos de vista puramente científicos foram adicionados ao leque de ideias de criação durante o século 19.° e os 20° séculos. Essas teorias propõem que o ser humano se desenvolveu como tal após milênios de tempo através de um processo de evolução biológica. Essas teorias pressupõem a existência de algo que já por desestabilização ou outros fenômenos produziu a matéria geológica e biológica que nos é familiar. A matéria, de fato, é eterna.

A condição originária do ser humano

Acabamos de ver que os povos de a Bíblia já apresentam diversas variações quanto à condição do ser humano. A Bíblia apresenta-o como muito inteligente e moralmente puro. O homem poderia dar o nome a cada um dos animais, como símbolo de seu domínio sobre eles. Homem e mulher podem ter relacionamentos amorosos em todos os níveis — conversação, trabalho e sexo sagrado. No que diz respeito ao trabalho, não era necessário que Deus os ensinasse como completar a tarefa que lhes havia dado. Além disso, o casal foi feito para trabalhar no prazer de exercitar seus corpos e seus intelectos. Todos os dias mantinham um encontro com Deus no prazer de sua companhia.

A maioria dos mitos africanos descreve o ser humano em um bom relacionamento com Deus no início. Alguns mitos indicam que os seres humanos não eram muito inteligentes e que Deus havia providenciado tudo para que eles vivessem. Eles não precisavam fazer nada. (Pode-se perguntar se o hábito do vício, portanto, decorre de tais mitos de criação muito antes da chegada de missionários ou colonizadores.) Outros mitos indicam que os seres humanos tiveram que aprender muito para transformar o que Deus havia providenciado para eles em coisas que pudessem usar. Alguns mitos sugerem que o ser humano foi colocado na terra como um castigo porque não poderia ficar no céu onde foi criado e onde teve relação íntima com Deus.

Obviamente, as visões de mundo científicas, especialmente aquelas que dependem da evolução biológica para o desenvolvimento atual do ser humano, devem supor que ele teve que aprender desde sua primeira aparição como ser vivo na Terra. E, claro, ele não tinha nenhuma ligação com deus, já que de acordo com essa posição não há nenhuma.

Quebrando a condição original

Visões que apresentam a condição humana como criada para o sofrimento ou como desenvolvida puramente por acidente químico não apresentam a ideia de uma vida ideal com Deus no início. Para eles, o sofrimento representa ou a razão de sua existência, ou um acidente de comportamento em relação ao outro. Não existe um sistema moral criado desde o início, um mandamento que alguém de alguma forma quebrou. Nesse caso, a atual condição da humanidade não envolve culpa em relação a uma divindade, mesmo que se possa sentir culpa em relação aos outros membros de sua sociedade.

Para aqueles que se apegam a uma condição ideal no início onde o ser humano tinha um bom relacionamento com Deus ou com as forças espirituais, eles devem encontrar uma maneira de explicar a situação humana atual. De alguma forma, o bom relacionamento entre Deus e o homem foi quebrado. No relato bíblico o ser humano era culpado de ter desobedecido a um mandamento

de Deus, e toda a raça sofre as consequências. Nos relatos africanos ainda há uma variedade de descrições do que aconteceu. Vimos alguns deles no Documento 4. Na África equatorial encontramos a história de que os homens estavam queimando a pradaria e Deus teve que se afastar para proteger o céu da fumaça e do cheiro. O relato de Gilgamesh, que vem do oriente, diz mais ou menos a mesma coisa: os seres humanos perturbaram os deuses, e um deles tentou destruí-los com um dilúvio. Nesses casos, não foi tanto a culpa do homem que causou a situação atual, mas a impaciência e o egoísmo dos deuses.

As histórias de animais/mensageiros que vimos na lição anterior colocam a causa da morte em Deus e não na culpa humana. Neste caso, pode-se, portanto, perguntar se a responsabilidade de melhorar a situação é de Deus ou do homem. Outros mitos colocam a culpa nos seres humanos originais através da desobediência, ou comendo algo proibido ou lutando uns contra os outros.

A maioria desses mitos fala de um período em que existia uma relação ideal entre os deuses ou o deus e o ser humano que, portanto, foi rompida. Deus continua a prover o necessário para viver, mas o ser humano deve trabalhar muito para lucrar com o que Deus lhe proporciona. A condição original de vida eterna foi substituída por ter filhos e netos que carregam em si a vida dos pais. O mundo dos espíritos, ou dos ancestrais, aparece nesse ponto, porque os seres humanos não desaparecem após a morte, mas continuam a exercer sua influência na vida terrena de sua posteridade. Raramente encontramos um relato de pecado e redenção onde o relacionamento original com Deus pode ser restaurado como encontramos em a Bíblia.

FIM DO DOCUMENTO

Verificando as respostas das perguntas

Faça este trabalho com toda a turma. Peça voluntários a cada vez ou revezem-se na ordem. Se uma resposta não estiver correta, reconheça qual está correta e pergunte se alguém da classe tem outra resposta que acha mais correta.

Aqui estão as perguntas do livro de exercícios e suas respostas:

1. O que significa "o negro e incuravelmente religioso"? *Ele vive em íntima comunhão com o invisível e o sagrado.*

2. Quais foram os principais propósitos da criação do ser humano de acordo com a Bíblia?
   Ter um relacionamento com ele
   Servir como governador sobre a criação

Formar uma sociedade baseada na moralidade divina.

3. De acordo com o documento, de onde veio o politeísmo egípcio?
Da unificação de lugares locais cada um com seu deus.

4. O que os egípcios e os cananeus tinham em comum? *Não há história de criação deles.*

5. De acordo com os babilônios, qual foi o motivo da criação dos seres humanos?
Sofrer o castigo devido aos deuses rebeldes.

6. Como as histórias africanas descrevem a relação inicial entre os seres humanos e Deus?
Um bom relatório.

7. O hábito da dependência na África, de onde pode vir? *Histórias da criação que dizem que Deus fornece tudo aos seres humanos sem que eles precisem trabalhar.*

8. O que está faltando em muitas cosmovisões em relação à separação entre os seres humanos e Deus? *Culpa real com consequências.*

9. De onde vem a ideia de espíritos ou a influência contínua dos ancestrais? *Que os seres humanos, quando morrem, ainda estão vivos de alguma forma.*

Discussão em classe

Que diferenças você encontra entre o material deste documento 5 e os três primeiros capítulos de Romanos?

Documento 6

Mortalidade Humana e Reconciliação com Deus

No final da cadeia está a divindade: Deus único ou divindades constituindo um panteão? Em geral, os mitos africanos evocam um Deus criador:

- para o *Bambara* funciona através da fala: o Yo, fala interna, espírito visível e voz inaudível, contém potencialmente toda a criação "vem de si mesmo, é conhecido por si mesmo, saiu de si mesmo, do nada que é ele mesmo" segundo a tradução dada por uma expressão indígena.
- No *Kru*, da Costa do Marfim, Deus primeiro enviou do céu à terra cursos de água, vegetação e animais de todas as espécies. Então, com a ajuda de uma longa trepadeira, enviou o primeiro casal humano

composto por dois adultos, um homem de pele branca, uma mulher de pele negra.

O *Akwa*, pigmeus do Gabão, contam que o criador, tendo pegado um pouco de terra, a amassou molhando-a com sua saliva para torná-la mais flexível. Com terra vermelha, terra branca e terra preta, fez muitas estatuetas que mandou andar, depois crescer e viver. A última das estatuetas permaneceu pequena, muito pequena, mas, em compensação, Deus que havia dado a força ao gigante, ofereceu a astúcia àquele que era o ancestral do *Akwa*.

No Gabão Deus é louvado e glorificado. Durante a dança do bolo (dança de iniciação feminina) os jovens iniciados cantam: "É o Senhor Deus que criou o mundo, que fez o mundo como é," mas, como sabemos, ele é inacessível.

A ideia do sagrado

Por que Deus é inacessível? Como vimos no documento anterior, houve uma rutura entre o ser humano e o deus criador em algum momento após sua criação. Manter o contato com Deus é o papel da religião quando se trata das tentativas do ser humano de reconstruir o relacionamento perdido. De acordo com a fé cristã e judaica, é o próprio Deus que faz tudo para restaurar esse relacionamento. Neste sentido estamos falando de revelação em vez de apenas religião. Há revelação geral, na natureza, na vida cotidiana e nos movimentos da história humana. O problema é que a rutura do relacionamento impede uma interpretação correta dessa revelação porque o ser humano é desprovido da presença de Deus. De acordo com a fé bíblica, sua inteligência foi afetada pelo pecado e ele não consegue entender toda a revelação ao seu redor, mesmo que algumas coisas penetrem em sua mente e na sociedade. Também falamos de revelação especial, que vem de Deus através de intermediários chamados para esta tarefa (a palavra escrita de Deus e a palavra viva de Deus em Jesus Cristo). Falaremos sobre isso na próxima aula. Até que a revelação especial chegue em um determinado canto, as pessoas têm apenas revelação geral e graça preveniente para tentar estabelecer um relacionamento com Deus. É por isso que Ele parece inacessível para eles.

A maioria dos africanos tem ideias sobre esse deus muito elevado e inacessível. 1) Este sabe tudo sobre nós e o que está acontecendo na vida. Pode-se enganar os ancestrais, talvez, mas não se pode enganar a Deus. 2) Você pode rezar para ele em qualquer lugar, mesmo que alguns lugares sejam mais sagrados que outros. 3) Pode interferir na vida das pessoas, mas acontece muito raramente. 4) Ele é bondoso e misericordioso; os males que ocorrem são causados antes por espíritos malignos ou feitiçaria. Raramente encontramos a culpa de Deus em algo ruim que acontece.

Aqueles que seguem tais cosmovisões não têm medo de Deus. Reconhecê-lo como Deus não é muito sério, porque ele não se envolve na vida cotidiana dos seres humanos. A adoração a este Deus, portanto, não incorpora temor a ele. Por outro lado, essas mesmas pessoas têm medo de espíritos, outros deuses ou ancestrais, porque eles entram em jogo na vida cotidiana. E o que se faz para reconhecer sua influência na vida é acompanhado de muito medo e paixão.

De acordo com o relato do Êxodo, Deus ensinou o medo ao seu povo, os judeus, no Sinai. A erupção vulcânica, o terremoto, o barulho estrondoso, criaram medo no povo de Deus. Eles não ousaram se aproximar da montanha. Eles pediram a Moisés para representá-los a este Deus. E desse medo experimentaram e aprenderam as conceções do sagrado. A montanha é sagrada: não se aproxima dela. Era um lugar sagrado. Uma tribo foi nomeada e separada para lidar com os objetos sagrados da religião. Mais tarde em sua história, quando o jovem que tocou a Arca da Aliança caiu morto imediatamente, eles aprenderam o temor de Deus sobre um objeto sagrado. Não a tocamos, sem arriscar a morte. Esse sentido do sagrado parece quase universal. Mesmo o comunismo, que não aceita a ideia de um deus, mantém sua ideologia como objeto sagrado. Quem não participa de acordo com as regras o faz com medo de sofrer punição.

Muitos africanos acreditam que certos rituais, certos lugares, certos objetos pertencem ou são administrados por ancestrais, espíritos ou deuses. Se alguém quebra um tabu, toda a comunidade sofre as consequências. A situação deve, portanto, ser corrigida. Aqui está o significado da adoração do ponto de vista do medo. Os seres humanos devem e podem fazer o que for necessário para recriar o equilíbrio entre o mundo físico e o mundo espiritual. Mas, infelizmente, eles nunca sabem se os espíritos, os ancestrais ou os deuses estão apaziguados ou não. Assim, o medo continua, e a garantia de paz com eles é muito fraca.

No Novo Testamento encontramos a ideia de que o amor perfeito expulsa esse tipo de medo. Já não tememos a Deus da mesma maneira. Nós o adoramos em amor. O que pode acontecer nesse contexto de qualquer maneira é a perda da ideia do sagrado. O local de culto, não o tratamos bem. Viemos adorar a qualquer momento como se participar do todo não fosse importante. O comportamento também pode se deteriorar como se não se sentisse na presença de Deus. É necessário, de tempos em tempos, focar no que a Bíblia disse em relação a estar na presença de Deus e manter um senso do sagrado.

Mortalidade

Quase universal no pensamento de qualquer cultura humana é o fato de que a mortalidade humana é injusta. Nossa consciência, nossa inteligência, nossas

capacidades, todas concordam que o ser humano deve viver eternamente. Mesmo que todas as outras criaturas tenham um limite em sua vida útil, os seres humanos se sentem no direito de viver para sempre. Cada sociedade, portanto, produz explicações sobre a morte e uma esperança de vida eterna temporariamente interrompida pela morte. Mais uma vez, toda uma gama de ideias existe no mundo com variações. Para algumas culturas a morte é um deus cujo criador tentou proteger o ser humano, sem sucesso. Para outros encontramos os dois mensageiros mencionados no documento 4. Outros apontam a Bíblia onde a morte acontece como resultado da separação do criador e que vem acompanhada de diversas consequências em nossa vida antes mesmo da morte.

A origem da morte para a humanidade como um todo é uma coisa, mas as causas da morte para o indivíduo levantam ainda outras questões. Para a maioria dos africanos, a morte pessoal tem causas físicas e místicas. Encontrar as causas místicas é tão importante quanto encontrar as causas físicas. Raramente pensamos que Deus chama um homem velho para o seu lado. Todos os outros casos encontram motivos em feitiçaria, espíritos ou maldição (resultado da quebra de um tabu, por exemplo).

O interessante é que o desejo de vida eterna é incorporado às ideias de vida após a morte. A posição cristã é que após a morte uma vida futura aguarda a todos, alguns no céu com Deus, e alguns no inferno com Satanás e os outros anjos rebeldes. Esta vida é eterna. No hinduísmo, a vida terrena continua através de reencarnações até que a pessoa seja finalmente libertada (veja abaixo) deste mundo de sofrimento. Para muitos africanos a vida continua após a morte quando se junta aos ancestrais por algumas gerações, até que ninguém entre os vivos se lembre de um determinado ancestral, e então ele continua a viver entre os espíritos que não influenciam mais a vida na terra. Sam Oleka observa que, "Embora todos os mitos africanos apresentem a origem da morte, nenhum deles apresenta como a morte pode ser superada e removida do mundo. » (*Questões na teologia cristã africana,* pág. 117).

Moralidade, libertação e redenção

A questão do bom e do mau comportamento muitas vezes está ligada à criação, mas nem sempre. Embora Deus seja considerado o guardião da moralidade humana, a maioria das culturas africanas acredita que Deus não pune aqueles que cometem ofensas contra a boa moral. É papel da própria sociedade lidar com atos de imoralidade de qualquer tipo. Às vezes, os ritos são usados para encontrar o culpado e restaurar o equilíbrio entre o mundo físico e o mundo espiritual. Toda sociedade tem algumas pessoas encarregadas de guardiões da consciência da sociedade. Na maioria dos casos, segundo o

pensamento africano, uma punição afeta apenas a vida terrena do culpado. Apenas os verdadeiros criminosos, evitados como párias da sociedade, não têm acesso ao mundo espiritual após a morte.
O fato de que todos são culpados de alguma coisa de tempos em tempos, e que todos sofrem – ou as consequências da imoralidade de outros, ou calamidades naturais que afetam esta criação, ou reveses políticos ou econômicos – indica que a vida humana é uma vida sempre à beira da ruína. O senso de justiça que parece universal também exige a possibilidade de libertação. Libertação da injustiça, dos desejos prejudiciais, do pecado, dos inimigos (reais ou potenciais), de uma economia ruim – tudo isso é visto como formas de salvação. No cristianismo, toda teologia se concentra na salvação oferecida por Deus, sem a qual não há mais libertação. No mundo existem cinco outras conceções de salvação: salvação pelo rito; salvação pela humanização; salvação pela aniquilação dos desejos; salvação pelo comportamento correto; salvação por submissão ou colaboração. Será uma boa ideia olhar para todos esses cinco designs.

Salvação pelo ritual. Sacrifícios e outros ritos são vistos como meios de controlar o acesso aos deuses ou a Deus, e seus méritos obrigam os deuses a responder a eles de maneira adequada aos nossos desejos. Aqui está o sistema na maioria das religiões tradicionais africanas, hinduísmo e outras religiões, incluindo as orações do islamismo. Encontramos a mesma conceção no judaísmo do 8º às 6º século aC e no catolicismo pré-Reforma. Tais ritos podem fornecer uma espécie de segurança comunal, mas você nunca pode ter certeza de que os deuses responderão como você deseja.

Olá pela humanização. Esta ideia encontra o seu nascimento desde o primeiro sistema onde os sacerdotes assumem demasiado poder com intenções políticas. Essa prática cria uma nova injustiça que destrói a fé em um Deus bom. (Esta era a situação em Israel durante o ministério de Amós e Oséias). Nesse sistema, o ser humano toma o lugar de Deus como seu próprio deus e salvador. A salvação torna-se a libertação de todas as formas de injustiça sob a liderança de pessoas capazes de exercer influência suficiente para criar uma revolução social. Tais posições podem ser teístas ou ateístas. No primeiro é Deus quem sustenta a revolução porque é ele mesmo quem conta com a violência da morte do próprio filho. As revoluções comunistas são exemplos mais conhecidos da forma ateísta. Nessa forma de salvação, o foco não é mais a relação entre os seres humanos e Deus, mas as relações horizontais entre vizinhos de uma mesma sociedade.

O grande erro deste sistema é que ele não reconhece o pecado original que quer fazer dos seres humanos seus próprios deuses. O resultado da revolução será outra sociedade onde reinará a injustiça por causa do pecado original.

Salvação pela aniquilação dos desejos humanos. Esta forma de salvação está enraizada no fato de que os seres humanos têm desejos fortes que muitas vezes entram em conflito com o que é necessário para viver de forma justa e pacífica em uma sociedade: desejos "ser alguém importante, ter mais do que o necessário, exercer o desejo de poder. "Ao contrário da humanização, aqui o indivíduo deve abrir mão dos desejos da humanidade para o bem da sociedade. O objetivo é a libertação eterna de todo sofrimento por meio de um estilo de vida que faz apenas o bem e a justiça, moral, espiritual e intelectualmente. Encontramos esta forma de salvação no budismo, onde não há deus, e no sistema monástico medieval onde Deus era reconhecido.

Esse sistema afirma que os seres humanos podem se livrar do pecado original por meio de exercícios religiosos e/ou psicológicos.

Salvação por boas obras (ou boas obras). Por trás dessa ideia está a filosofia de que as más ações serão punidas e as boas ações serão recompensadas. Isso é visto como o plano de Deus, e assim a salvação está no nível do indivíduo e não no da sociedade. A salvação pode ser concebida como limitada apenas a esta vida ou pode incorporar a entrada na felicidade eterna. Neste último caso, mesmo que se conceba Deus como o guia supremo, a salvação vem como resultado do esforço humano. Aqui, como nos dois sistemas anteriores, o pecado final é mantido – pensar no homem como seu próprio salvador. Este tipo de salvação é condenado pelo livro de Jó.

Olá por submissão ou colaboração. Esse sistema de salvação começa com a ideia de um Deus que oferece sua graça aos seres humanos para serem salvos. O ponto principal, porém, neste sistema é que o ser humano deve agir de maneira particular para que essa graça seja aplicada a ele. Esta forma de salvação é muitas vezes chamada de "justiça pelas obras". O judaísmo após o exílio adotou esse sistema e ainda mais profundamente após a destruição do templo em 70A.D., e Jesus estava pregando contra essa prática. Esse mesmo sistema é encontrado no islamismo, no catolicismo romano e em certos ramos das igrejas evangélicas básicas. De acordo com este sistema, deve-se obedecer a certos regulamentos, cumprir certas funções, vestir-se de maneira específica, etc., para manter o acesso à graça de Deus. Nesses casos, a graça de Deus é eficaz, mas não é suficiente.

Em todos esses sistemas de salvação, exceto talvez o último, o que falta é o reconhecimento da culpa (a situação negativa resultante da desobediência a Deus) e a necessidade de perdão (a nova situação criada por um ato de Deus que remove a obstáculos à libertação total).

Fontes usadas para o desenvolvimento deste documento:

Brunner, Emil. *O escândalo do cristianismo.* richmond: John Knox Press, 1965.

Gehman, Ricardo. *Religião Tradicional Africana na Perspectiva Bíblica.* Nairóbi : East African Educational Publishers, 1989, reimpresso em 2000.

Loewen, Jacob. *Cultura e Valores Humanos: Intervenção Cristã na Perspectiva Antropológica.* South Pasedena: Biblioteca William Carey, 1975.

Mbiti, John S. *Introdução à religião africana*, segunda edição. Nairóbi: East African Educational Publishers, 1992, reimpresso em 1996.

Ngewa, Shwa e Tienou. *Questões na teologia cristã africana*. Nairóbi: Editora Educacional da África Oriental Ltda, 1994.

FIM DO DOCUMENTO

Perguntas que acompanham a primeira metade deste documento:

1. Qual é o problema de interpretar a revelação geral?
O ser humano é desprovido do Espírito de Deus, ele não pode entender.

2. O que os africanos parecem saber sobre o Deus Altíssimo? 4 coisas
Ele sabe tudo. Você pode orar para ele em qualquer lugar. Ele pode intervir em nossa vida, se quiser. Os males da vida não vêm dele.

3. Que episódios da vida dos judeus os ensinaram a temer ao Senhor?
Eventos no Sinai; A morte daquele que tocou a Arca da Aliança

4. Quais são as proposições sobre as razões da mortalidade humana?
Um Deus; um mensageiro animal de Deus; resultado da separação de Deus

5. Quais são as possíveis causas místicas de morte, segundo a cosmovisão africana?
Feitiçaria, espíritos, uma maldição.

6. Reflexão: O fato de os africanos não acreditarem que Deus pune os culpados, como isso afeta as atitudes dos crentes sobre seu comportamento sexual (participação ativa antes do casamento e adultério depois) e integridade financeira (desonestidade pessoal e espiritual [dízimos e outras ofertas], e o espírito de dependência)?

<u>Trabalho em equipe</u>:

1. Confiram em conjunto as respostas às questões relacionadas com o documento 6

2. Juntos, preparem um relatório com base nas seguintes perguntas:

a) Determine pelo menos um ponto positivo de cada um desses sistemas de salvação.

b) O que é pecado original ou pecado inato, e por que deve ser levado em consideração ao propor um meio de salvação?

c) Diante deste problema (pergunta b), por que a Igreja do Nazareno insiste em pregar a inteira santificação?

d) Como deve ser pregada a inteira santificação para melhor responder à verdadeira necessidade apresentada pela salvação *pela aniquilação dos desejos?* Esses mesmos desejos são encontrados no crente que ainda não está santificado. Só Deus pode purificá-los.

e) Como podemos acrescentar um sentimento de temor salutar ao Senhor ou ao sagrado em nossa adoração e em nossas vidas?

<u>FIM DO LIÇÃO</u>

Trabalho de casa para a próxima lição:

1. Prepare-se para apresentar os resultados do trabalho em grupo.

2. Leia os capítulos 8 – 10 de Hebreus; Gálatas 3

3. Memorize Gálatas 3:26-28.

Lição 5: Os intermediários entre a pessoa e seu deus

Introdução a esta lição

Nos 4º lição examinamos um pouco a conceção do sagrado e do medo quando se trata de relações com o deus altíssimo ou mesmo com as divindades intermediárias. Nesta lição vamos aprofundar um pouco mais o conceito de intermediários entre os seres humanos e Deus. O documento principal desta lição apresenta exemplos específicos tirados de diferentes culturas/religiões na África negra. A seguir, veremos esses exemplos à luz das Escrituras e da prática de confiar em intermediários entre o povo de Deus e Ele mesmo, bem como contatos diretos entre Deus e Seu povo.

Tentaremos tirar conclusões do Novo Testamento sobre a vida cristã e como proclamar Jesus Cristo como resposta à necessidade de um intermediário.

Meditações

Para esta lição podemos propor meditações livres, ou seja, quem apresenta as meditações escolhe a passagem e/ou o assunto que deseja. O editor do curso ainda sugere olhar para João 1:14-18. Esta passagem discute, de forma bíblica, a diferença entre o ministério de um mediador e o contato direto com o próprio Deus – a lei dada por Moisés, a graça e a verdade que vêm de Jesus Cristo, a quem João especifica ser o próprio Deus.

Curso da lição

1. Discussão de leitura da Bíblia feita em preparação para esta lição
2. Introdução ao Folheto 7
3. Documento 7
4. Reações a este documento
5. Trabalhe na memorização de Gálatas 3.26-28
6. Documento 7b, intermediários e idolatria
7. Trabalho em equipe

Discussão de leitura da Bíblia: Hebreus capítulos 8 – 10;
Gálatas 3

Os três capítulos 8 a 10 da Epístola aos Hebreus falam sobre o culto do judaísmo do Antigo Testamento, que de uma forma ou de outra estava entre as religiões que exigiam um intermediário entre o povo e seu Deus. Somente os sacerdotes podiam se colocar na presença de Deus no lugar santo, e somente o sumo sacerdote podia entrar no lugar santíssimo. Uma chave nesta passagem

que abre a discussão de um intermediário é encontrada no capítulo 9 versículos 8 a 10.

Pergunta a ser feita: Que tipo de intermediário o sacerdote do Antigo Testamento representa?

> *Resposta sugerida: Como mediador, o sacerdote não era uma divindade de segunda ou terceira categoria a quem o povo de Israel deveria adorar. Ele estava apenas representando-os diante de Deus, e arriscando a morte por eles se sua preparação em santidade não fosse feita de acordo com os requisitos de Deus.*

Esses mesmos capítulos também falam da lei do Antigo Testamento e do tabernáculo (que também significa templo de Herodes, aquela maravilha do mundo antigo) como intermediários secundários pelos quais Deus é adorado e agradado em sua vida cotidiana.

Pergunta a ser feita: O que esta passagem indica que a adoração do Antigo Testamento (a antiga aliança, se preferir) representa um meio de adoração de segunda categoria?

> *Resposta sugerida: 1) 9.1, 24 é feito por mãos humanas, é desta terra; 2) 8.5 e 9.23 são apenas imagens das coisas que estão nos céus; 3) 10.1-4 a lei é uma sombra, não pode levar à perfeição, impossível que o sangue dos animais tire pecados; etc*

Esta passagem fala de Jesus como o novo mediador. Mas ele, de acordo com o Novo Testamento, não é um mero intermediário; ele é o próprio Deus — Deus o Filho. O final do capítulo 3 de Gálatas reforça essas ideias ao indicar que os crentes também são filhos de Deus e, portanto, temos acesso direto a Deus pela fé em Jesus Cristo.

Pergunta a ser feita: Qual é a melhor maneira de praticar nosso acesso direto a Deus e como podemos reforçar essa ideia durante nosso culto de domingo?

> *Espere respostas que vêm da reflexão pessoal.*

Pergunta a ser feita: Qual é o papel da oração sacerdotal do pastor durante o culto dominical?

Introdução ao Folheto 7:

No Documento 5 vimos a perceção pagã de um deus muito elevado, criador e inacessível. Isso causa a situação em que não é temido e não é

adorado. Dentro a Bíblia, o exemplo mais claro desse fenômeno é o deus altíssimo do panteão dos deuses na religião de Baal. Este deus se chama El, e seu nome nem sequer é encontrado em a Bíblia, porque as pessoas não o adoravam. Ele não tocou na vida cotidiana. A deusa Astarte de tempos em tempos implora a ele que dê a seu parceiro Baal um lar no céu. De lá, Baal pode trazer a chuva necessária para a vida. El, o mais alto, não tem contato com seres humanos.

Muitos povos, culturas e religiões acharam necessário inventar ou propor divindades intermediárias entre o Deus Altíssimo e os seres humanos. O Documento N° 7 apresenta vários exemplos desses intermediários de diferentes culturas africanas.

Documento 7a

Intermediário

A distância em que se encontra o ser supremo obriga-nos a conceber mediadores do lado divino: encontramos os demiurgos que completaram a obra da criação ou que repararam os erros cometidos.

Assim, o Nommo de *Dogon*, duplo gênio, de essência divina, dotado da força vital da água, que deu à humanidade vestimenta, linguagem e aptidão para a vida social.

Assim Kâtiéleo, em *Senufo*, ela completou e aperfeiçoou o trabalho de seu gêmeo Koulotieleo, levado ao céu assim que seu gesto criativo interveio.

Divindades, digamos *secundário*, ajude os humanos, o Trô des *Véspera* são hierarquicamente inferiores a Mawu, que está acima de todas as relações de clã. O Trô precisa, para subsistir, de oferendas e sacrifícios que Mawu não precisa. O Trô está representado enquanto o Mawu nunca está.

Dos espíritos como os de S*arara*, o Kuru — o espírito da aldeia, a doba que governa a fertilidade, a Zara que dá força contra os leões ou gênios, fadas, deusas que se encontram em sociedades muito diversas.

Os ancestrais estão sempre prontos para ajudar seus descendentes:

Os primeiros *Dogon* eram imortais: muito velhos, ascendiam ao céu de onde observavam os vivos. Para ajudá-los, o ferreiro-antepassado, depois de ter recolhido as plantas, os animais e o material que poderia ajudar os homens, apoderou-se do fogo e da forja celeste e, saltando no cesto-arco, atirou-o para a terra ao longo do arco-íris.

Inúmeros são os mitos que relatam o roubo do fogo celestial e a sua dádiva aos homens. Por exemplo: Graças ao fogo, os pigmeus tornaram-se mais fortes que os animais, pois a partir de então podiam cozinhar seus alimentos e assim escapar da escravidão ou da subordinação da natureza.

As estrelas, imateriais como os espíritos, permitem, pela sua posição, fixar as datas dos rituais importantes.

A organização do cosmos é sentida em termos de parentesco: as duas estrelas sendo ou foram concebidas como marido e mulher ou como tio materno e sobrinho inato. Este é o caso entre os Lamba, povo matrilinear da Rodésia ocidental (Zimbabwe), enquanto para os Venda, ao sul do Limpopo, o rei é o Sol, sua irmã-rainha é a lua, as estrelas são nossos ancestrais.

Mas os ancestrais como as estrelas não falam sem intermediários. Recorremos aos "videntes de Deus". Esses *mediadores humanos* cuja expressão é considerada como a palavra de Deus: *eles possuído* são retransmissores de gênios ou ancestrais que a morte levou à familiaridade de entidades semidivinas. Durante suas crises, os possuídos profetizam. E esses mandamentos divinos são mais imperativos do que aqueles que emanam das outras autoridades, sejam elas quais forem.

O espírito possuidor quer - dizem os iniciados - comunicar-se com o grupo sobre uma desordem individual ou social e trazer a cura.

Os *sacerdotes* invocaram os poderes sobrenaturais, transmitiram-lhes os pedidos e ofertas dos fiéis, fazer ou fazer com que sejam feitos os sacrifícios de súplica ou ação de graças.

Quase toda a África conhece e usa o *Máscaras* durante as principais cerimônias religiosas. Eles são usados por dançarinos cuja identidade eles escondem e a quem eles permitem um contato seguro com o Transcendente (o Superior ou o Elevado).

Quando os dançarinos não estão mascarados, eles têm seus rostos e corpos pintados e estão vestidos com roupas e ornamentos especiais. Essas práticas também visam despersonalizá-los e estabelecer um vínculo com o invisível.

Ambos, portanto, facilitam o contato entre os deuses e os homens. No entanto, eles mantêm uma certa distância entre um e outro: o dançarino não se identifica com o ancestral, o gênio, o deus que é invocado, ele não se confunde com a força vital que lhe é comunicada, sente-se ligado a ela e carregado por ela para a vida universal. A dançarina é tanto a voz dos deuses quanto o caminho que as pessoas escolhem para estabelecer um relacionamento.

Para ser cósmica, a máscara empresta seus elementos da natureza, mas se recompõe de acordo com a cultura da qual emana e em função da ideia e da impressão que deve comunicar. Toma emprestado seu material do reino vegetal: madeira, fibras, folhas, corantes; ao reino animal os chifres, conchas, dentes e

formas utilizadas. Os homens têm o privilégio de identificar, combinar, manipular todos esses elementos, agregando valores simbólicos, puramente culturais, como cores e números.

A máscara como tal não é um ídolo, não há nada de mágico nela, não é um instrumento de feitiçaria.

Todo o universo participa do poder do símbolo fornecendo-lhe sua matéria-prima.... É impossível fazer sequer uma revisão aproximada dele.

Reações a este documento:

Este documento e, portanto, esta discussão, tem vários objetivos a serem alcançados, se possível. Dentro primeiro lugar*, a questão da informação é importante. Os alunos devem saber mais ou menos sobre essas ideias sobre intermediários entre o deus altíssimo e os seres humanos e como as pessoas concebem essa ideia e praticam os rituais que a acompanham.* Em segundo lugar*, os alunos devem distinguir se os "intermediários" são verdadeiros intermediários divinos, ancestrais ou outros sobre-humanos, ou se são meros diretores de adoração ou intermediários puramente humanos, como sacerdotes na Antiga Vontade.* Em terceiro lugar*, observe o motivo do culto. Normalmente, os ritos têm um propósito egocêntrico, centrado na aldeia ou na tribo; ou seja, perguntamos às divindades o que é preciso para melhorar a vida da tribo, ou da aldeia, em vez de simplesmente elogiá-la ou a eles porque são dignos disso. Em outras palavras, eles querem servir aos deuses ou querem que os deuses os sirvam?*

Portanto, lidere uma discussão livre que eventualmente abordará todas as três questões.

Memorize Gálatas 3.26-28.

Trabalhe com os alunos neste exercício e continue a fazê-lo pelo resto da lição. Eles terão que escrevê-lo no exame final.

Documento nº 7b:

A Bíblia parece falar de Jesus como se ele fosse um intermediário entre os seres humanos e Deus Pai, especialmente porque ele é o Deus-homem. Não é, porém, esse o caso. Este documento tenta colocar em um contexto bíblico as ideias de intermediários pagãos em contraste com os papéis de Jesus e do Espírito Santo.

Documento 7b

Intermediários e idolatria

Baseado em Oleka Sam, "O Deus Vivo: Algumas Reflexões sobre Atos 17 e a Religião Tradicional Africana", em *Questões na teologia cristã africana,* p.p. 127-131.

Entre a maioria dos povos africanos não há adoração direta de Deus como Deus. Lugares sagrados dedicados a ele são muito raros. Por outro lado, o culto organizado visa divindades (deuses de grau inferior), espíritos e/ou ancestrais, reconhecidos como intermediários ou representantes por meio dos quais o Ser Supremo se manifesta. É para eles, esses intermediários, que as orações são apresentadas. A mesma ideia e prática é encontrada na Igreja Católica Romana, onde Deus Pai é considerado muito distante ou muito ocupado com outras coisas para orar aos santos e/ou Maria.

A intenção deste tipo de adoração é encontrar acesso ao Deus Supremo através daqueles que parecem ser o único meio de fazê-lo. O problema é que as forças espirituais abordadas, as "divindades" ou os "deuses", nada mais são do que forças espirituais do mal. Satanás engana as pessoas por meio dessa prática, convencendo-as de que estão orando a deus ou a um deus. Até mesmo Jesus chamou Satanás de mentiroso, que está mentindo desde sua queda. Ele mente para os gentios, ele mente para aqueles que buscam a Deus em espírito e em verdade, e ele ainda mente para os crentes. Muitas vezes, portanto, os sacrifícios e orações oferecidos aos chamados intermediários são de fato oferecidos a demônios – agentes de Satanás, que deseja nossa adoração como o mestre do engano e da destruição. Qualquer forma de adoração a outras forças espirituais é idolatria, quer saibamos ou não, e é odiada por Deus porque dá honra, louvor e honra, adoração a seres espirituais que deve ser dada somente ao próprio Deus.

No entanto, Deus quer restaurar com cada ser humano, e com cada raça e cada cultura, o relacionamento que foi quebrado pela queda de Adão. Onde o evangelho ainda não chegou, Ele usa os meios disponíveis na própria cultura. No início do 21° século Deus está fazendo maravilhas missionárias das quais nunca ouvimos falar antes. Graças primeiramente às orações dos crentes pelas culturas e povos não alcançados com o evangelho, Deus prepara tanto os povos quanto aqueles que irão para lá com o evangelho. Há um caso em que o líder de um povo teve uma visão do missionário que viria anunciar a mensagem de Jesus a eles. Ele viajou até a fronteira do país para recebê-la e facilitar sua passagem. Depois de cumprir as formalidades, o chefe perguntou ao missionário por que ele precisava de tanto tempo e disse-lhe que o povo estava pronto para ouvir a mensagem de Jesus. Entre os muçulmanos modernos, Deus usa o sistema islâmico de orientação espiritual. Nos sonhos, os fiéis muçulmanos recebem a imagem de alguém, até mesmo a de um retrato de Cristo, para indicar o guia

espiritual que deve ser buscado e seguido com toda a energia necessária para isso.[2] A adoração de intermediários é apenas idolatria, mas Deus conhece o coração das pessoas e aproveita o que elas têm para satisfazer os desejos de seus corações.

Jesus e o Espírito Santo

O Evangelho segundo João apresenta o que acaba de ser dito, ou seja, a maneira pela qual Deus trabalha usando as mentes dos seres humanos para trazê-los à verdade divina sobre a ideia de um intermediário. Precisamente, ele fala de Jesus dessa maneira. Na verdade, é Jesus quem usa uma linguagem dupla – a do povo e a dos discípulos. Em João 5:43, Jesus diz: "Eu vim em nome de meu pai. . . ». Essa frase enfatiza a ideia de um intermediário entre Deus e os seres humanos, até mesmo entre Ele e Seu povo escolhido. Jesus repete essa mesma ideia em seu ensino a esses discípulos no final de seu ministério quando diz: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". Ninguém vem ao Pai senão por mim" (14:6). Aqui está novamente a linguagem de um intermediário. Se você quer se aproximar do Pai, você tem que passar pelo filho. Até aqui temos a linguagem simples de Jesus como intermediária. Mas em várias ocasiões, esse mesmo evangelista (João) mostra que Jesus é Deus: (1.14) a palavra se fez carne; (10.30) Eu e o Pai somos um; (20.28) Tomé respondeu-lhe: meu Senhor e meu Deus.

Então João usa a linguagem de um intermediário sobre Jesus, mas no final, para ele, Jesus não é apenas um intermediário, ele é Deus. O Deus que parecia inacessível para a maioria das pessoas tornou-se acessível a todos. Jesus não é um simples intermediário, ele é o Deus altíssimo entre nós (Emanuel) agora e finalmente acessível para sempre.

Os capítulos 13-16 do Evangelho de João apresentam o ensino mais seguido do Novo Testamento sobre o Espírito Santo. Foi o próprio Jesus que o enviou à Igreja de Pentecostes, e ainda é Jesus quem envia o Espírito à vida de cada crente, como prova de que somos filhos de Deus e como um sinal de nosso futuro com Ele. Este Espírito não atua como intermediário; ele nos transforma para que tenhamos acesso direto ao Pai, sem a necessidade de um intermediário. Por meio dele, os crentes servem, de uma forma ou de outra, como intermediários para o mundo dos incrédulos por meio de suas orações intercessoras. Certamente, não temos o direito de pedir aos nossos vizinhos que orem a nós, mas que orem diretamente a Deus, seu Pai em potencial. 1 Pedro 2.5, 9 enfatiza esse fato chamando os crentes de "santo sacerdócio". Não temos

[2]*Nota do editor*: Na língua Wesleyana, falamos da graça preveniente quem entende esse tipo de fenômeno. Deus pode até usar outros sistemas religiosos para semear alguns vestígios da verdade, mas sempre com o objetivo de direcionar a pessoa para a plena revelação em Jesus Cristo. Veja Atos 10.1-2.

sacrifícios a fazer ao Senhor além de nossas vidas inteiras (Romanos 12:1-2), mas temos orações a oferecer e uma vida de testemunho em obras e palavras.

FIM DO DOCUMENTO

Trabalho em equipe:

O Novo Testamento tenta explicar o papel de Jesus como algo diferente de intermediário, embora a linguagem do intermediário pareça ser a melhor a ser usada. Em grupo, tentem desenvolver um artigo de fé sobre o papel de Jesus entre os incrédulos e Deus, usando a linguagem do intermediário. Tente estruturar este artigo para que os não-crentes que têm uma visão de mundo que oferece intermediários espirituais possam entendê-lo.

Anúncio Especial

Apresente a Tarefa 5, um estudo sobre acesso direto a Deus. Os grupos podem trabalhar juntos neste projeto, mas cada aluno deve enviar sua própria cópia.

FIM DO LIÇÃO

Lição 6: Relatos bíblicos e intertestamentários.

Introdução a esta lição

Esta lição apresenta 5 documentos com diferentes importâncias e suscetibilidades ao debate. Ao apresentar esta lição, portanto, não haverá muito tempo para o trabalho em grupo para permitir a discussão de questões que possam surgir. O editor deste caderno tentará incorporar aqui ideias que possam ajudar o professor a responder a certas questões que são mais ou menos normais em função do assunto dos documentos.

Os documentos 8 e 9 tratam dos sonhos e dos intérpretes dos sonhos encontrados em a Bíblia. Esses são um tópico relevante no curso, porque os sonhos como meio de revelação divina (seja de Deus ou deuses ou ancestrais, etc.) não são encontrados em todas as culturas humanas. O Rev. Banza restringe sua discussão dos sonhos a relatos bíblicos, enquanto muitas culturas africanas valorizam sua importância na vida cotidiana.

Os artigos 10, 11 e 12 tratam de temas um pouco fora do tema principal do curso, mas têm seu lugar aqui, pois tocam em aspetos da visão de mundo ocidental atual, onde muitas pessoas insistem na identidade da verdade e dos fatos atuais. Muitos africanos aceitam que a verdade é encontrada em vários formatos, dos quais a recitação de fatos verdadeiros pode ser um deles. Mas a verdade também vem em outros formatos literários ou experienciais. Muitos ocidentais não aceitam outras formas de verdade além da recitação de fatos reais, e se os experimentos científicos podem mostrar a falsidade dos fatos, eles não podem mais confiar na verdade neles contada. Além disso, esses documentos tratam de questões que todos os pastores enfrentarão com frequência em seu ministério, e será uma boa ideia enfrentá-las o mais rápido e com a maior frequência possível.

Meditações:

Desta vez, o editor deste caderno não está sugerindo nada de especial como texto ou como um tópico específico para meditações antes desta lição, se sua agenda exigir.

Desenrolar da lição:

Relatório do grupo sobre as discussões no final da lição anterior
Documento 8: "Sonhos em a Bíblia», seguido de uma breve discussão
Introdução à sabedoria como parte de uma visão de mundo cultural
Documento 9: "José, o Sábio"
Introdução a outros documentos: conflito de visões de mundo

Documento 10: "Pseudepígrafa"
Documento 11: "Data do Nascimento de Jesus"
Documento 12: "O Batismo de João e o Batismo Cristão"
Um debate aberto

<u>Relatório de grupo:</u> Faça como de costume incentivando a participação de todos. Lembre os alunos da Tarefa nº 5 do programa do curso.

<u>Documento 8</u>

Os sonhos na Bíblia

O Antigo Testamento não contém nenhuma evidência de uma prática de oniromancia (opaca) [a "ciência" de interpretar sonhos simbólicos] como podemos conhecê-la através dos "Tratados dos Sonhos" egípcios ou mesopotâmicos. Essa forma de adivinhação, baseada na interpretação dos sonhos diários por um especialista, parece desconhecida em Israel. Talvez tenha sido incluído na proibição geral de adivinhação (Deut. 18, 10-11), mas nenhuma legislação precisa é dedicada a isso.
Por outro lado, o caráter premonitório (anúncio) de certos sonhos é perfeitamente reconhecido, e compartilhamos com os outros povos da antiguidade a crença de que Deus pode usar os sonhos para falar diretamente a certos indivíduos. Um oráculo do profeta Joel conta os sonhos entre as manifestações escatológicas do derramamento do Espírito "sobre toda a carne" (Jl 3,1), e se Ben Sira* adverte contra a vaidade dos sonhos (Si 34,1-8), uma exceção é necessária para aqueles que vêm "de uma intervenção do Altíssimo" (v. 6). No judaísmo, durante os períodos helenístico e romano*, a oniromancia inspirada era uma forma autorizada de conhecimento: a história de José é uma boa ilustração disso e, segundo o Talmude da Babilônia*, Jerusalém tinha nada menos que vinte e quatro rabinos interpretando sonhos praticando sua arte por remuneração (Berakhot 55a-b).

[*Veja a nota na parte inferior do documento sobre este parágrafo*.]

O Antigo Testamento relata, portanto, um certo número de histórias de sonhos cuja natureza fictícia deve ser enfatizada desde o início. Compostos segundo padrões literários codificados, cumprem uma função literária específica e muitas vezes servem de enquadramento e pretexto para um discurso de natureza teológica. Como em outras literaturas do antigo Oriente Próximo, é possível classificar os relatos oníricos em diferentes categorias, definidas por suas formas literárias, mas que também refletem a diversidade das experiências oníricas (imaginárias ou sonhadas).

Os contos de sonho se dividem em duas grandes categorias: sonhos "visuais" e sonhos "auditivos". Os primeiros consistem essencialmente, se não exclusivamente, em imagens. Dividem-se em grande parte entre a história de

José (Gn 37, 5-11; 40-41) e os capítulos aramaicos do livro de Daniel (Dn 2; 4; 7)*, aos quais se deve acrescentar o sonho de Jacó em Betel (Gn 28, 12-15) e o sonho de um soldado de Midiã (Jz 7, 13-15). Entre esses sonhos visuais, destacam-se três tipos: "sonhos premonitórios", os sonhos de José (Gn 37) e o do soldado midianita (Jg 7); "sonhos simbólicos", os dos egípcios (Gn 40-41) e os de Nabucodonosor (Dn 2; 4); um "sonho visionário" recebido por Jacó em Betel (Gn 28).

Os "sonhos simbólicos" são caracterizados pelo fato de exigirem interpretação por terceiros, pois o sonhador não entende a mensagem contida nas imagens dos sonhos. A história de tal sonho, portanto, sempre compreende duas fases: a apresentação do sonho em si, seguida de sua interpretação depois que o sonhador desperta. Esta necessidade de interpretar um sonho cada vez oferece a oportunidade de opor a impotência da ciência dos adivinhos ao carisma dos sábios judeus inspirados diretamente por Deus. Este motivo encontra-se tanto na história de José como nos relatos dos livros de Daniel (Dn 1-2; 4-5). Estes últimos acentuam ainda mais o caráter dramático dessa oposição e o aspeto extraordinário da sabedoria do intérprete judeu. A particularidade dessas histórias bíblicas é justamente insistir no caráter inspirado desses intérpretes judeus, José e Daniel (Gn 48.8; 41.8.15-16; Dn 2.4-12.19-28; 4.5-6.15), contra a ciência dos técnicos de adivinhação.

Outra categoria de sonhos, um tanto incorretamente chamada de "sonhos-mensagem", tem um conteúdo essencialmente auditivo. Nesses sonhos, Deus "vem" ou "aparece" em pessoa; sem realmente se mostrar ao sonhador, ele "fica em sua presença" e fala diretamente com ele. Encontramos cada vez a mesma fórmula introdutória: "Deus veio a N. em um sonho da noite" (Gn 20,3; 31,24; Nb 22,9.20; exceção 1 Sam. 3, §4). A mensagem falada por Deus é inequívoca e o sonhador não precisa dos serviços de um intérprete quando acorda. Os patriarcas ou os reis ou alguns profetas parecem ter sido pessoas predestinadas por suas funções a receber tais sonhos, mas essa impressão se deve à natureza dos textos que retratam principalmente personagens dessa categoria.

O sonho de Salomão em Gibeom (1 Reis 3) é um exemplo típico: composto no padrão tradicional dos sonhos reais, ainda contém alguns traços da antiga ideologia real. Em sua forma atual, no entanto, ilustra bem como um sonho pode fornecer a estrutura literária para um discurso teológico. É também o caso do sonho de Jacob em Bétel (Gn 28), que tem a particularidade de associar uma mensagem a uma visão celeste: uma "escada" ou melhor, uma escada que liga o céu e a terra e os anjos que navegam. Essa visão tem a função primordial de manifestar a santidade do lugar em que Jacó está deitado, revelando a presença do eixo do mundo que atravessa esse lugar. É então usado para destacar a renovação da promessa de Deus feita aos Patriarcas.

Como último exemplo, mencionemos o caso particular do sonho de Abimeleque (Gn 20,3-7), em que este rei cananeu se vê ameaçado de morte por Deus se não devolver sua esposa a Abraão. É de fato um pesadelo do qual o sonhador sai aterrorizado, porque o sonho aqui tomou a forma de uma cena de tribunal.

A ideia de que Deus pode usar o canal dos sonhos para "visitar" um pecador e exercer julgamento contra ele é encontrada em outros textos bíblicos de composição bastante tardia. A teologia é exposta por Eliú no livro de Jó (Jb 33,14-18): Deus admoesta (repreende ou culpa) o pecador no sonho e o ordena a corrigir sua conduta. Sabedoria de Salomão, * no final do 1er século aC, retoma essa noção de "sonho de julgamento", mas em um contexto onde o julgamento onírico ou sonhado é sem remissão (ou sem perdão). Quando os primogênitos do Egito são atingidos pela morte durante o sono (a décima praga), eles recebem em sonho o anúncio da sentença divina que os condenou, "para que pereçam sem saber por que sofrem essa pena" (Sab. 18,17-19). A peculiaridade desses "sonhos de julgamento" é que eles não anunciam um evento futuro, mas lembram e iluminam um evento passado na vida do sonhador. Inauguram assim uma conceção mais psicológica do sonho.

FIM DO DOCUMENTO

* Os textos indicados pelo sinal (*) são textos que datam após o término do período do Antigo Testamento, ou seja, após o profeta Malaquias, incluindo o livro de Daniel. Daniel foi aceito no Cânon do Antigo Testamento, enquanto os outros não.

[Nota no terceiro parágrafo] Proibidos de desenvolver as artes plásticas, os judeus desenvolveram as artes literárias. Eles usaram uma ampla gama de gêneros para apresentar a verdade: parábolas, histórias fictícias e outros. Se ocasionalmente o relato de um sonho não reflete o verdadeiro sonho de alguém, o texto ainda apresenta verdade teológica inspirada pelo Espírito Santo. Observe, no entanto, que este documento parece restringir o uso de sonhos a um período fixo da história judaica. Também é possível que esse tipo de gênero tenha representado apenas uma forma de expor as verdades teológicas nesse período.

Discussão sobre este documento:

Muitas culturas africanas contam com o fenômeno dos sonhos como uma revelação de coisas que estão prestes a acontecer ou outras fontes de informação. Considerando os sonhos como mensagens de Deus, como profecias ou outras, todas as profecias e mensagens devem ser confirmadas pela palavra escrita de Deus, as Escrituras. Tampouco se pode distorcer o significado de uma passagem bíblica para fazê-la concordar com o sonho. No entanto, este

documento abre as portas para possíveis discussões sobre os sonhos de hoje. Tente estimular e inspirar sabedoria nesta área durante uma discussão aberta.

Introdução à sabedoria:

O documento 9 apresenta o personagem de José, já adulto, como exemplo de sábio segundo a tradição judaica de sabedoria. Indica também que José não segue o modelo, pois quando criança e adolescente não teve a sabedoria que deveria ter. Felizmente, no caso dele, as consequências e as circunstâncias de sua vida o fizeram desenvolver essa sabedoria que possuía durante seu tempo na prisão.

A sabedoria judaica consiste em três aspetos: treinamento completo em um assunto ou ofício (Salomão era um especialista de renome mundial em botânica); saber viver em comunidade com justiça interpessoal e a hospitalidade esperada de todos os membros da comunidade (o exemplo de Boaz na história de Rute); uma vida dedicada a Deus, de onde vem a capacidade de discutir e julgar as situações que ocorrem na vida da comunidade (a escolha de José e Maria como pais de Jesus incorporou esse aspeto). A sabedoria não era necessariamente igual à riqueza, mas presumia-se que Deus acrescentava aos sábios suas bênçãos econômicas e espirituais. Na família, cabia aos pais ensinar sabedoria a todos os filhos, desde a disciplina corporal quando necessário para formar autodisciplina para a vida adulta. O pai ensinou seu ofício aos filhos (meninos), e a mãe ensinou às meninas como viver como a mulher ideal na comunidade. Os pais tinham a responsabilidade pela formação espiritual dos filhos, mesmo depois que as sinagogas mantinham aulas para crianças.

O documento 9 suspeita que José, embora tenha demonstrado sabedoria quando adulto, não a teve na infância ou na adolescência. O documento ainda apresenta as razões para este caso.

Pode ser que outras culturas determinem a sabedoria por outras pistas, e não é uma má ideia discutir isso se o tempo permitir. No Ocidente, existem várias conceções de sabedoria, dependendo da formação religiosa, por um lado, e do nível econômico, por outro. Um nível de cultura, por exemplo, exige que os sábios sejam capazes de consertar eletrodomésticos ou fazer trabalhos de construção em casa, incluindo trabalhos mecânicos, para não perder seu dinheiro pagando a outros. Da mesma forma, outros níveis econômicos consideram um sábio como aquele que pode pagar sem ter que fazer o trabalho sozinho.

Documento 9

José, o sábio

Vários traços tipicamente sapienciais são facilmente identificáveis na história de José. O episódio de José resistindo à esposa de Potifar (Gn 39.7-12) junta-se a um ensinamento de sabedoria encontrado na primeira parte de Provérbios (Pr 1-9) onde várias passagens desenvolvem uma advertência do jovem contra "a mulher estrangeira" que lidera um homem à sua queda (notavelmente Pr 7). Mais adiante, é a sabedoria política que é ilustrada por José, elevado à cabeça do reino por causa de suas qualidades eminentes de inteligência e sabedoria: "Acharemos um homem como este, em quem esteja o Espírito de Deus? (…) Depois que Deus fez tudo isso conhecido para você, não há ninguém inteligente e sábio como você. Serás, o meu senhor, do palácio e todo o meu povo obedecerá às tuas ordens, não te ultrapassarei senão pelo trono" (Gn 41,38-40). A partir deste ponto da história, José é retratado como o alto funcionário perfeito, aquele que domina ao mais alto grau a arte de governar, o que o torna um sábio por excelência (em particular Gn 47,13-26).

Seria, no entanto, um exagero considerar a história de José como uma ilustração da sabedoria de Provérbios. Muitos aspetos da história se opõem a isso: José aparece no início como um ingênuo, e se soubesse controlar sua língua – qualidade essencial para um sábio – não teria despertado o ciúme de seus irmãos. Todo o enredo (todo o evento) e, além disso, é construído sobre um fracasso das relações familiares (preferência do pai por José, ciúme dos irmãos), o que dificilmente corresponde ao ideal sapiencial. Por fim, a importância dada aos sonhos nesta história, o próprio fato de a sabedoria de José estar tão intimamente associada à arte de interpretá-los, nada disso se encaixa nas antigas coleções de sabedoria.

De fato, José, como Daniel, é a figura de um tipo particular de sábio, tal como pode ter existido nas cortes reais nos tempos persa e helenístico. Além da sabedoria tradicional, composta de boas maneiras e ciência, fruto de uma longa educação bem mencionada no início do livro de Daniel (Dn 1,3-5.17-21), dizia-se que esses sábios judeus gozavam de especial ajuda de Deus por causa de sua fidelidade a a Torá (Dan 1.17). Em virtude disso, eles também gozavam da capacidade de interpretar sonhos e histórias misteriosas, e reivindicavam para si uma forma de sabedoria inspirada (Dn 2.19; 4.5-6.15; 5.11-12). Essa afirmação de certos sábios de se beneficiarem da inspiração divina é retratada, não sem ironia, em alguns dos protagonistas do livro de Jó (Jó 4, 12-16; 11, 5-6; 15,8; 32,8).

Finalmente, e como outras histórias animadas pela mesma preocupação com a edificação moral (Judite, Tobias, Ester, as histórias de Daniel) *, a história

de José oferece aos seus leitores um modelo de comportamento sábio e generoso, herdeiro da antiga tradição de sabedoria e iluminado pela disciplina espiritual e moral.

FIM DO DOCUMENTO

*Os livros de Judite e Tobias fazem parte da literatura extra-bíblica do período intertestamentário. Esse mesmo corpo de literatura acrescenta capítulos a Ester e Daniel, que não foram incluídos no cânon do Antigo Testamento, mas fizeram parte das setenta traduções gregas feitas antes da seleção final dos textos para inclusão.

Introdução a outros documentos

Os próximos três documentos tratam de vários pontos menores sobre a visão de mundo de diferentes culturas. Documento 10 discute a ideia de pseudoepígrafe, ou seja, textos escritos por alguém que não seja o nome que neles consta como autor. Essa ideia toca o conceito de verdade em uma cultura. Pode-se usar tal texto como fonte de verdade e ensinar seu conteúdo como tal a outras pessoas? Algumas culturas diriam "sim" sem dúvida, enquanto outras hesitariam. Outra questão é se tal texto é inspirado por Deus ou não. Os comitês que trabalharam na escolha dos textos a serem incluídos no cânone decidiram "não" como resposta a essa pergunta. O problema surge agora que os textos já são considerados inspirados há séculos e as dúvidas quanto à autenticidade de certos textos são sustentadas por evidências mais ou menos convincentes.

Documento 11 trata da data em que se celebra o nascimento de Jesus. Quando tentamos estabelecer o ano do nascimento de Jesus, era para encontrar o ano exato. Veja a discussão que o Rev. Banza lidera. Quando se trata da data específica, a igreja nunca afirmou que 25 de dezembro representa o dia exato. O fato é que o mundo pagão vivia uma época festiva no final de dezembro, e a Igreja procurava um evento cristão para celebrar ao mesmo tempo em que seus vizinhos celebravam a Festa do Sol. Assim, todos mantiveram um ar festivo. Os judeus fazem o mesmo com a festa de a dedicação que acontece ao mesmo tempo que a festa de Natal.

O documento 12 trata da questão da diferença entre o batismo de João e o dos cristãos. O livro de Atos, no início do capítulo 19, indica que Paulo (e, portanto, Lucas) viu uma diferença entre os dois. Nesse caso, a importância dessa discussão entra em jogo nas questões do que os antropólogos chamam de "ritos de passagem". Tais ritos determinam a relação entre uma criança e sua sociedade, entre os adolescentes e a comunidade de adultos em uma cultura, os direitos que o seguidor pode ou não exercer de acordo com sua posição na sociedade. O batismo de João não parecia fazer tanto sentido cultural. Mas o

batismo cristão tem sido tal rito, mesmo desde o início de sua prática. Diz-se que tomou o lugar da circuncisão como um rito de entrada entre outros crentes, um corpo unido de judeus e não-judeus. Os significados teológicos do batismo são estudados em cursos de Administração da Igreja e Teologia Cristã.

Documento 10

Pseudoepígrafe

Chamamos de "pseudepígrafa" o processo que consiste em escrever e publicar um texto sob o nome de um autor de prestígio desaparecido. Este texto é então chamado de "pseudepígrafa". O fenômeno se alastrou muito cedo no mundo greco-romano: os discípulos de filósofos ou oradores famosos publicaram sob o nome do mestre o que consideravam uma expressão fiel de seu pensamento ou de seus ensinamentos. Assim as Cartas de Platão ou Epinomias, sobre as quais há muito paira a dúvida.

Tem-se dito muitas vezes que a noção de autor não tinha na época a importância que lhe atribuímos; certamente não seguiu os mesmos contornos, mas essa importância está presente desde o período clássico, bem antes do momento em que os judeus começaram a determinar a lista oficial dos textos sagrados. Entre outros critérios, os judeus insistiam que o livro poderia encontrar sua fonte na vida e/ou obra de um profeta. Após a morte de Alexandre, Egito e Síria foi à guerra para determinar qual deles deveria governar Palestina. Quando Síria finalmente ganhou a guerra, ela começou a administrar um governo muito repressivo contra o judaísmo. Foi neste período que o gênero "apocalíptico" foi desenvolvido. Uma característica comum a todas essas "revelações" foi o fato de apresentar um texto como se fosse de idade avançada, apresentando-o como uma profecia feita há muito tempo na história de Israel. A partir desse fenômeno, acostumou-se a escrever em nome dos personagens da história de Israel.

No último terço do primeiro século do nosso ar, a igreja passou por uma situação ainda diferente. Os apóstolos e outras testemunhas oculares de Jesus e seu ministério começaram a morrer sem que Jesus voltasse. As gerações seguintes foram confrontadas com as crises de crescimento das jovens Igrejas: os sucessores dos apóstolos e os líderes das comunidades sentiram a necessidade de salvar a integridade da passagem apostólica aplicando o seu ensinamento a novas situações eclesiais. Tratava-se de fazer ressoar as palavras vivas dos apóstolos, expressando diretrizes e instruções que eles teriam dado se ainda estivessem vivos. É muito provável que alguns dos discípulos de Paulo tenham se inspirado nas cartas que conheciam bem para escrever novas (a segunda epístola aos tessalonicenses, as epístolas pastorais e talvez outras). *

As comunidades certamente não se enganaram: a questão não era a autenticidade literária, mas a autenticidade da mensagem transmitida – esse "depósito" de que falam as Pastorais, que deve continuar a ressoar para as novas gerações.

Durante o II° e III° séculos, para fixar o cânon das Escrituras, os Padres da Igreja colocarão em jogo o critério de autenticidade: entenderão por isso a autenticidade literária dos escritos que atribuirão sinceramente às testemunhas oculares e aos apóstolos; mas nunca se esquecerão de lhe acrescentar o critério supremo que é o da conformidade com a "regra da fé" e com a tradição da grande Igreja. *

FIM DO DOCUMENTO

* (Nota do editor do caderno) Todos os livros aceitos no cânon do Novo Testamento foram finalmente aceitos como literários autênticos, fossem ou não. Alguns argumentos usados por estudiosos do século 18° aos 20° séculos para mostrar a inautenticidade de alguns textos parecem estar certos, enquanto outros mostram apenas especulações vazias. A pseudoepígrafe de certas epístolas que o autor cita é bem possível, mas não tão provável. Se aplicarmos o mesmo critério usado para argumentar que 2 Coríntios consiste em mais de uma carta, por exemplo, às duas cartas aos Tessalonicenses, deve-se concluir que o mesmo autor escreveu as duas cartas uma após a outra, porque as convenções da época não permitiam que os dois tipos de mensagens aparecessem na mesma letra. Além disso, o outro de 2 Tessalonicenses já cita a possibilidade de uma carta inautêntica que receberam (2.2), e que não deveriam dar importância a ela, ensinando falsas doutrinas.

Documento 11

Data de nascimento de Jesus

Alguns afirmam que o ano 2000 não corresponde realmente aos dois mil anos do nascimento de Jesus e que ele nasceu entre 4 e 6 anos antes da era cristã. Estou certo? De onde vem a data de 25 de dezembro?

Os anos começaram a ser oficialmente datados com base no nascimento de Jesus no sexto° século apenas. Um monge chamado Dionísio, o Pequeno, erroneamente localizou o primeiro ano da era cristã no ano 754 da era romana, datando esta que designa o número de anos decorridos desde a fundação de Roma. Sabemos, no entanto, que Herodes, o Grande, morreu na primavera do ano 750 da era romana, portanto, quatro anos antes do início da era cristã estabelecida segundo os cálculos de Dionísio, o Pequeno. Agora, Mateus e Lucas

testificam que Jesus nasceu durante o reinado de Herodes. Deve-se, portanto, entender que ele nasceu um pouco antes de 750, entre quatro e seis anos antes do início da era cristã.

Quanto à celebração do nascimento de Jesus em 25 de dezembro, remonta ao final do reinado de Constantino no IV° século. Teria substituído a celebração do festival pagão do Sol renascido, coincidindo com o solstício de inverno, quando, de fato, a luz do sol, até então decrescente, começa a aumentar novamente. É interessante notar, além disso, que a data de nascimento de João Batista é fixada em 24 de junho, no solstício de verão, quando a luz começa a diminuir. João não teve que se afastar para Jesus aparecer? [O fenômeno do solstício ocorre apenas em países do Norte ou extremo sul, onde o ângulo do eixo da Terra afeta a duração do dia ensolarado de acordo com as estações do ano.]

Documento 12

Batismo de João Batista e Batismo Cristão

O batismo cristão tem o mesmo significado que o batismo dado por João Batista?

Permanecem algumas incertezas sobre o significado do batismo que João Batista deu: foi um "batismo de arrependimento para remissão dos pecados", como afirma São Marcos (Mc 1,4), ou um rito que "serviu para não absolver certas faltas, mas para purificar o corpo, depois que a alma foi previamente purificada pela justiça", segundo a apresentação feita por Flávio Josefo? João administrou seu batismo de uma vez por todas, ou foi repetível?

Quanto ao batismo cristão, os textos do Novo Testamento que o mencionam referem-se explicitamente à morte e ressurreição de Jesus. Assim, em São Paulo: "Batizados em Cristo Jesus, todos nós fomos batizados em sua morte" (Rm 6,3). E Lucas, ao fazer falar Pedro nos Atos dos Apóstolos, apresenta a receção do batismo cristão como sinal de adesão à fé na ressurreição de Jesus: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos pecados, e então recebereis o dom do Espírito Santo" (Atos 2:38). Gradualmente, o batismo se tornará o sinal visível de pertença à Igreja, que ainda é. Se alguns dos efeitos do batismo dado por João Batista podem ter um significado cristão, por exemplo, a remissão dos pecados, os dois ritos não têm o mesmo significado.

Discussão sobre esses três documentos

Tente guiar essa discussão na direção de visões de mundo, ou seja, as maneiras pelas quais suas culturas veem as formas de lidar com essas mesmas questões – a fonte da verdade, a maneira de namorar as coisas, os ritos de pertencimento à sociedade com direitos como membro pleno. Não tome todo o tempo disponível em questões de autenticidade de certos textos.

O documento 10 ainda pode chocar alguns alunos, embora tenhamos abordado esse assunto em outros cursos. Já tratamos do gênero apocalíptico no curso de interpretação bíblica. Outras ideias, vamos tratá-las no curso sobre o Novo Testamento [no ritmo normal dos cursos, a Introdução ao Novo Testamento é apresentada antes deste curso.]

Discuta um pouco a questão dos ritos e "ritos de passagem" e como o cristianismo pode suprir a necessidade da sociedade de tê-los. Temos apenas dois sacramentos, mas podemos acrescentar outros ritos, desde que não contradigam a mensagem do evangelho ou a inteira santificação.

FIM DA LIÇÃO

Lembre os alunos de continuarem se preparando para as Tarefas 3 e 5.

Lição 7: Demônios e Exorcismo

Introdução a esta lição

Nesta lição trataremos mais profundamente dos fenômenos do trabalho espiritual nocivo, seja por demônios ou de outras formas. Embora alguns sábios ocidentais, usando uma visão de mundo bastante científica, assumam que espíritos malignos, demônios ou outras manifestações concretas do diabo não existem, a Bíblia falando sobre isso e milhões de pessoas estão experimentando isso de uma forma ou de outra. Onde a cosmovisão é quase 100% científica, dificilmente se vê que Satanás usa tais meios para influenciar as pessoas a se afastarem de Deus. Isso não quer dizer que ele não está no trabalho. Por outro lado, em outras culturas onde as pessoas estão mais ou menos acostumadas a tais fenômenos, o diabo os usa para manter as pessoas na escravidão e no medo.

Nesta aula, contaremos com as experiências de alunos e professores nesta área para enriquecer o conteúdo da aula. Os materiais da lição cobrem um pouco de definições, experiências e perspetivas de igrejas contemporâneas e uma apresentação bíblica. No entanto, é a experiência dos membros das igrejas locais que determinará a forma como o pastor tratará o assunto e os fenômenos. Em última análise, a mensagem do evangelho é uma mensagem de completa liberdade até mesmo desses fenômenos na vida de um crente. O convertido não deve mais abrir uma porta em sua vida para Satanás ou um de seus anjos maus.

Meditações:

O escritor deste caderno sugere que tratemos de um dos parágrafos de Lucas 4: 31-44, onde Lucas distingue claramente entre doenças conhecidas e demônios. (Às vezes, Lucas pode usar a linguagem dos demônios, são demônios. Anteriormente, pode se referir a doenças desconhecidas sem ter qualquer outro idioma disponível.)

Curso da lição:

Diferença entre espíritos (incluindo demônios) e doenças desconhecidas
Documento 13
Discussão aberta sobre a diferença entre a verdadeira libertação e a chamada libertação nas igrejas evangélicas "graças" aos pregadores "especialistas"
Apresentação sobre o mundo espiritual segundo os pensamentos africanos
Trabalho em Grupo: Experiências de Demônios no Ministério Estudantil
Introdução à Vitória em Cristo (mais na lição 9)

Diferença entre Espíritos e Doenças Desconhecidas:

Em outra lição vimos que na África conhecer as razões místicas da morte é tão importante quanto conhecer as razões físicas. Se, portanto, uma doença conhecida ou desconhecida pode levar à morte, nesse contexto deve-se buscar as razões místicas da doença e tratá-las, bem como as causas médicas da doença. Em uma cultura em que a visão de mundo não considera o mundo espiritual, e ninguém pratica feitiçaria, não pensamos em espíritos quando alguém adoece: apenas procuramos a doença exata e o tratamento que ele deve dar. Se o médico não conhece a doença que ataca seu paciente, ele procura até encontrá-la. Ou, o mundo dos médicos e empresas farmacêuticas iniciam pesquisas para descobrir. A cura por meios médicos custará o que custa, mas nem a causa nem a cura são procuradas em outro lugar. E essa via é suficiente em pelo menos 99% dos casos, a menos que a doença permaneça desconhecida.

Por outro lado, onde as artes mágicas são praticadas, a questão se torna mais complicada, especialmente se for um país de terceiro mundo onde médicos bem treinados e clínicas bem equipadas não estão disponíveis para todos. Nesses casos, a gama de doenças conhecidas do público em geral é muito limitada e o preço do tratamento médico para uma doença desconhecida é proibitivo. Tratamos o paciente como se ele tivesse uma das doenças conhecidas, sem necessariamente fazer uma análise ou mesmo chamar um médico. Além disso, mais cedo ou mais tarde o pensamento se volta para fontes místicas (espirituais) de doença, e o pouco dinheiro disponível será gasto no pagamento de curandeiros tradicionais.

A maioria das doenças são apenas isso: doenças, conhecidas e/ou desconhecidas. As fontes dessas doenças são múltiplas: falta de higiene favorável à saúde, contágio de outro paciente, água impura, roupas em excesso ou insuficientes dependendo da temperatura, mordidas de animais ou simplesmente que a doença ataca sem outros motivos por culpa do paciente. É muito provável que um bom tratamento após uma análise adequada seja suficiente para mais de 90% dos casos.

O problema está sempre ao lado de doenças desconhecidas pelos médicos locais, e existem milhares delas. A análise não revela a doença ao técnico, e a família do paciente começa a pensar em causas místicas mesmo que não existam. Para o cristão, tal resposta a uma doença desconhecida não é aceitável. Na lição 9 vamos falar sobre a vitória que o crente tem em Cristo. Se, por outro lado, o cristão ou sua família se abre ao mundo espiritual para encontrar o problema, o crente corre o risco de perder rapidamente sua proteção em Cristo. Pode-se sempre orar a Deus por cura espiritual, de acordo com Sua vontade.

Doenças desconhecidas não são necessariamente obra de espíritos. Portanto, eles não devem ser tratados como se fossem.

Reserve alguns minutos para discussão.

Documento 13

Demônios e exorcismos

E as muitas histórias bíblicas que apresentam demônios ou espíritos impuros? Eles devem ser tomados literalmente ou era apenas uma maneira comum de falar na época?

É certo que certas doenças há muito são equiparadas à possessão demoníaca. Tal foi o caso da epilepsia até o século XIX.° século em algumas partes da Europa. O Evangelho de Marcos relata um exorcismo realizado por Jesus em uma criança; mas a descrição que o pai dá do estado do filho corresponde claramente aos sintomas de um ataque epilético : "Ele espuma, range os dentes e fica rígido" (Mc 9,14-29). Neste domínio como em outros, os textos bíblicos refletem uma cultura e uma época.

Devemos, portanto, explicar todos os casos de possessão por fenômenos patológicos ou paranormais? Os agnósticos sim. Na Igreja Católica, a função de sacerdote exorcista continua existindo, geralmente há uma por diocese. Se muitas vezes é levado a dar conselhos psicológicos a pessoas que o procuram e que se consideram – ou que se consideram – possuídas, mesmo assim passa a praticar ritos de exorcismos em certos casos. Nas Igrejas Protestantes e Evangélicas, o exorcismo é praticado regularmente por um pastor ou mesmo por um "especialista chamado demonologista". Existem "Ministérios" de Libertação nos dias de hoje.

FIM DO DOCUMENTO

Discussões abertas :

O rev. O BANZA apresenta o fenômeno dos pregadores evangélicos que pregam a "libertação". Faz-se a pergunta: "Livrado de quê", pois costuma-se dizer que, mesmo que alguém "caia", deve voltar várias vezes para completar a "libertação". "Este fenômeno é provavelmente importado para a África dos Estados Unidos. Em aula, portanto, queremos discutir a diferença entre uma

libertação falsa e uma verdadeira, seja cura física, espiritual ou mística. Responda às seguintes perguntas e adicione o que quiser à discussão:

1. O que significa libertação?
2. Do que o cristão pode ser liberto?
3. Quais são as provas de sua libertação?
4. Qual é o papel de um especialista (alguém que terá um verdadeiro dom do Espírito) nesta área?

Apresentação: Espíritos no pensamento africano e no Novo Testamento

No pensamento religioso tradicional africano existem dois tipos de espíritos: os que nasceram como seres humanos e os que foram criados como espíritos. De acordo com John Mbiti, os espíritos dos seres humanos se dividem em dois grupos: aqueles que morreram nas últimas cinco gerações e aqueles que há muito foram esquecidos por pessoas que ainda estão vivas. A palavra "ancestrais" não é suficiente para descrevê-los porque também incluem crianças e adolescentes que morreram sem atingir a idade de um ancestral. Mbiti chama o grupo daqueles que são lembrados pelos vivos de "mortos-vivos". Quando não permanece vivo ninguém que se lembre de um deles, esse fato completa o processo de morte e o "morto-vivo" passa para o outro grupo de espíritos impessoais. Os últimos reis do Daomé em Benim, por exemplo, ainda estão "vivos" porque os descendentes se lembram deles e preparam sua comida diária mencionando seu nome.

No que diz respeito às mentes criadas como tal, as ideias não são uniformes. Temos ideias diferentes do reino espiritual, mas o que parece ter em comum é que eles ainda estão próximos dos seres humanos. De fato, o africano tradicional, segundo Mbiti, ficará inquieto se achar que os espíritos irão embora, pois tal ação criará um desequilíbrio no universo.

Atitude em relação aos espíritos

Como os "mortos-vivos" podem disciplinar, encorajar ou ajudar os vivos, eles são tratados com uma combinação de medo e afeição. Outros espíritos, no entanto, apenas atacam, molestam, destroem e prejudicam os vivos. A única emoção que temos em relação a eles é o medo. E como não podemos prever o que farão, devemos ficar longe de seu local de residência. Todos os casos de loucura, doença ou epilepsia são considerados obra de espíritos.

Fora da África

Encontramos em todos os continentes do mundo, pelo menos na história dos povos, a crença de uma ligação entre os vivos e os mortos, de tal forma que os mortos influenciam a vida dos vivos ou que querem se comunicar com eles. Ainda hoje encontramos certos fenômenos até mesmo no Ocidente que nos lembram dessa história. No sul da Europa, por exemplo, uma das maiores festas do ano é a do dia dos mortos, quando todos os cemitérios estão cheios de pessoas que vão até os túmulos de seus mortos para colocar flores frescas e lembrá-los em família. Nos Estados Unidos, atualmente, existem alguns médiuns muito conhecidos, com até programas de televisão onde fazem contato com os mortos muito queridos pelos convidados do programa. Algumas culturas, no entanto, não acreditam que esses espíritos sejam malévolos, e as pessoas não têm medo deles. Na maioria dos casos, porém, é necessário um médium especializado para concretizar o contato para que os vivos possam "ouvir" a voz dos mortos. A Bíblia fala dessa profissão como uma profissão amaldiçoada, e o rei Saul expulsou todos os médiuns da terra de Israel.

O mundo espiritual e a Bíblia

De acordo com Richard Gehman, a crença no mundo espiritual entre as religiões tradicionais é exagerada e humilhante. Na África como em outros lugares, o criador, que é poderoso e benevolente, não controla as ações dos espíritos. Como resultado, os espíritos continuamente causam medo, com o criador não fazendo nada contra eles.

A Bíblia, por outro lado, ensina um mundo espiritual, mas sempre no contexto da soberania de Deus. Quanto aos diferentes grupos de espíritos, além do evento em que Saul consulta o espírito de Samuel, não há referências aos "mortos-vivos" como acreditam os africanos. Ainda neste episódio vemos dois ensinamentos muito importantes sobre o assunto: Samuel não diz nada além do que havia dito durante sua vida; os mortos não querem interferir na vida dos vivos. Na verdade, a Bíblia chama a prática de tentar se comunicar com os mortos de abominável.

A Bíblia, por outro lado, admite a presença de espíritos malignos e anjos. Os anjos só fazem a vontade de Deus, enquanto os espíritos malignos agem de forma a destruir a obra de Deus ou diminuir a glória que a criação deveria dar ao seu Deus-criador. Mas Deus é soberano, mesmo diante desses espíritos. Portanto, não há razão para ter medo deles, porque eles não podem fazer nada que Deus não permita. E como Deus prometeu proteger os Seus, a única maneira de eles nos prejudicarem é se nos afastarmos de nossa fé em Deus e permitirmos que eles ajam em nossas vidas de alguma forma.

A Bíblia admite o fenômeno da possessão por demônios. Durante o tempo do ministério público de Jesus parece haver uma praga desse problema, que não

era visto tanto antes nem depois. O Rev. Gehman pesquisou esse fenômeno e encontrou características básicas para reconhecer tal possessão:

1. É um espírito estranho que manifesta na pessoa uma personalidade e poderes que vêm de outro lugar;
2. Uma manifestação de poderes sobre-humanos, de força, ou de inteligência, uso de línguas estrangeiras, etc.;
3. Ele resiste a tudo o que fala de Cristo, seja com oposição ativa, seja com apatia;
4. Evidências de uma personalidade dividida – a pessoa corre para Jesus pedindo ajuda, mas grita de medo.

A maioria dessas características é vista em pessoas possuídas até hoje.

AVISO: É muito fácil cair na tentação de chamar qualquer coisa que você não entende de possessão demoníaca – uma dor de cabeça ou um ataque de fígado, por exemplo. Muitas vezes há explicações naturais para o que está acontecendo. Doenças são apenas isso, doenças. Muitas vezes, membros da mesma cultura aprendem comportamentos específicos em circunstâncias específicas, então vemos comportamentos aprendidos. Mesmo estando fora da vida normal, não são indícios de possessão, pois foi ensinado observando outras pessoas.

Conclusão

A Bíblia reconhece as atividades dos espíritos malignos como uma realidade. No entanto, essas atividades diminuem onde o evangelho é proclamado e aceito no poder do Espírito Santo. Nosso Senhor declarou: "Eu edificarei minha Igreja, e as portas do inferno (ou inferno) não prevalecerão contra ela. " Encontramos, portanto, em a Bíblia que embora ela reconheça a existência de Satanás e seus anjos caídos, Jesus Cristo ainda é o Senhor, e através de sua morte na cruz os poderes do reino das trevas foram derrotados.

Trabalho em equipe:

Em grupos, faremos estudos de caso. Vários membros de cada grupo apresentarão o que acreditam ter sido um caso de atividade satânica na vida de alguém dentro ou fora da igreja. O grupo discutirá o caso, fará perguntas, etc. para descobrir se era um caso real de possessão demoníaca ou outra coisa: uma doença desconhecida, um caso de insanidade temporária, comportamento aprendido em sua cultura como esperado nas circunstâncias, etc.

Prepare um relatório do que você encontrou em relação a esse fenômeno, especialmente a soberania de Cristo sobre os demônios.

Jesus, conquistador dos poderes malignos

De acordo com os evangelhos e principalmente o que pode ser apontado como o primeiro nível da tradição sobre Jesus, ele exerceu o trabalho de exorcista, dentre os demais ministérios que exerceu. Às vezes ele usava as técnicas que outros exorcistas usavam, mas outras técnicas ele não usava. Por exemplo, ele nunca nomeou outra pessoa como autoridade no domínio, nem usou o comando para vincular o demónio a outra autoridade. Jesus deliberadamente chamou a atenção da multidão para si mesmo, para seus próprios recursos e para a autoridade de seu próprio nome, embora reconhecesse que era Deus quem estava realizando essa atividade. Os discípulos, por outro lado, exerciam essa atividade em nome de Jesus e não em outro. O próprio nome de Jesus acabou sendo incorporado a um rito judaico de exorcismo por causa do poder de sua pessoa contra os demônios. Eventualmente, os judeus proibiram o uso de seu nome, por razões muito óbvias.

Todos os evangelhos sinóticos mostram a obra de Jesus como caçadores de demônios. A obra deste exorcista está fortemente ligada ao ensinamento sobre o Reino de Deus que os sinóticos sublinham. João não enfatiza esse aspeto do ensino de Jesus e, portanto, evita tratar do assunto do exorcismo. Lucas expressa sua posição de que o poder de Satanás é bem limitado em contraste com a autoridade absoluta de Jesus, especialmente em sua oração por esses discípulos em Lucas 22:31-32.

Mas é a Mateus que devemos o mais forte ensinamento sobre o poder de Jesus contra Satanás e os demônios. Aqui, graças à parábola do homem forte, vemos que Mateus acreditava que Jesus já estava começando sua destruição do poder de Satanás, por sua obra de exorcismo (Mat. 12.29). Através de sua parábola da boa semente e do joio (13.24-30 e 36-43), Mateus mostra que Jesus também estará envolvido na segunda e última destruição de Satanás. Em Mateus, os demônios reconhecem Jesus e reclamam dizendo: "Filho de Deus, você veio aqui para nos atormentar antes do tempo? Chegará o tempo em que o tormento terminará, mas Jesus não está esperando por isso. Já está trabalhando duro neste momento.

João, por outro lado, liga a vitória sobre Satanás à cruz de Jesus. É sobre essa ideia que a lição nove se concentrará.

FIM DA LIÇÃO

Lição 8: Banquetes e seus papéis religiosos

Introdução a esta lição

O documento que o Rev. O BANZA preparado para esta lição trata da função e prática dos sacrifícios no mundo greco-romano no período do ministério do apóstolo Paulo, e auxilia particularmente na interpretação de algumas passagens particulares da Primeira Epístola aos Coríntios. Muitas culturas e povos incorporam em suas religiões ou vida cultural grandes refeições que têm funções religiosas e comunitárias. Nesta lição, portanto, vamos discutir este aspeto da vida religiosa de diferentes povos. Mais uma vez, a contribuição dos alunos é importante, principalmente quando refletem sobre o significado das festas acompanhadas de grandes refeições em sua cultura. O único banquete comum a todos os cristãos do mundo é comunhão, praticado naturalmente de maneiras diferentes, mas comum a todos os cristãos.

Meditações

Para o ciclo intensivo de vários centros de estudos, esta aula é apresentada à tarde, onde não é necessário apresentar meditações. Para os outros centros, uma passagem que trata comunhão, ou o banquete que Jesus prepara no céu, será uma boa ideia. Você pode, se quiser, até preparar o Santo última Ceia para você e os alunos como um rito cristão no final desta lição, especialmente se você moldou bem a lição em preparação para servi-la.

Curso da lição:

Aproveite o tempo para ouvir os relatos dos grupos da 7º lição.
Documento 14 e 1 Coríntios 8 e 10.
Refeições e festas religiosas
Discussão no Grupo
A Última Ceia (comunhão) (opção)
Introdução ao documento 14

Várias religiões usam um sistema de sacrifícios de animais como parte da adoração a seus deuses ou a Deus. O judaísmo do Antigo Testamento (e mesmo no período da vida de Jesus) é um. Existem outras possibilidades. O judaísmo suspendeu o uso de sacrifícios durante o período de exílio, quando os fiéis não tinham mais acesso ao altar do templo. E então, desde a destruição do templo em 70 EC, os judeus não oferecem mais sacrifícios de animais a Deus.

Lendo os livros de Êxodo e Levítico, descobre-se que alguns desses sacrifícios foram completamente consumidos no altar sem que ninguém os comesse. Para outros sacrifícios, no entanto, apenas uma parte era queimada e o restante fazia

parte de uma refeição religiosa com a família e a família estendida. O significado da festa é dado em a Bíblia para todos esses casos.

O documento 14 apresenta uma visão geral do sistema de sacrifícios no mundo religioso grego do período do ministério do apóstolo Paulo. Este mundo era politeísta, e aqueles que podiam, as famílias influentes e ricas, organizavam festivais religiosos em torno de uma refeição oferecida em homenagem a um ou mais deuses. Receber um convite era uma grande honra, e recusar aceitá-lo era um insulto à família que o havia apresentado. O nível de devoção religiosa demonstrado pelos convites da família não foi o primeiro problema. Para eles, era antes o poder econômico e político que eles celebravam, bem como sua contribuição para o bem-estar da comunidade. Mas o apóstolo ainda queria lembrar aos coríntios que esse tipo de refeição, em última análise, era uma forma de adoração pagã e idólatra.

Documento 14

Convites e banquetes nos templos

O ritual do sacrifício grego responde a um cerimonial preciso. Depois de esquartejar as vítimas abatidas (boi, carneiro, porco ou outro animal), o sacerdote oferece parte delas aos deuses: são os grandes ossos e a carne das coxas cobertas de gordura e completamente queimadas. Os deuses recebem assim sua parte na fumaça que sobe do altar em direção aos céus. Em seguida, as vísceras (vísceras) são assadas no altar e imediatamente comidas pelos sacrificadores. Finalmente a carne é cortada em partes iguais e distribuída aos ajudantes que a comem cozida. Dentro do recinto do templo de Asclépio, em Corinto, existem três salas destinadas a esses banquetes sagrados. Parte da carne não consumida é revendida pelos sacerdotes aos açougueiros na ágora.

Depois de jogar grãos de cevada, as cabeças das vítimas são levantadas, suas gargantas são cortadas, elas são esfoladas, as coxas são cortadas, são cobertas de gordura em ambos os lados e pedaços de carne crua são colocados em cima. Então, Crises (o sacerdote) a queima em brotos de videira e derrama vinho vermelho sobre eles. Ao lado dele, jovens seguram broches de cinco pontas. Quando as coxas são consumidas, as miudezas são comidas. O resto cortamos, colocamos os pedaços nos espetos e grelhamos com cuidado. Finalmente tiramos tudo do fogo e, terminados os preparativos da refeição, começamos a comer. As porções são iguais e ninguém tem que reclamar.

(Homero, Ilíada, I, 460-480)

Em Corinto, surgiu a questão se os cristãos poderiam ou não participar de banquetes sagrados nos templos da cidade. Paulo trata disso em sua primeira epístola aos Coríntios (1 Coríntios 8-10). Pode-se, de fato, ser comumente convidado para lá. Aqui está o texto encontrado de um convite:

Herais convida você para jantar no salão do Serapeion (o Asclepeion) em um banquete do Senhor Serápis, amanhã, onze da nona hora.

Leitura e discussão de I Coríntios 8

Leiam juntos em 8º capítulo do 1Tempo Epístola aos Coríntios e do capítulo 10 versículo 18 até o final do capítulo. Essas duas passagens tratam da ação dos cristãos em relação ao sistema grego de sacrifícios. Ideias que você precisa saber para conduzir bem uma discussão:

1. Quase toda a carne vendida no mercado era oferecida a um deus antes de chegar ao mercado, sendo o restante dos sacrifícios que não eram consumidos durante a festa. Se você quisesse comer carne, teria que comprar aquela carne.
2. Muitas famílias de membros da igreja em Corinto faziam parte da alta sociedade que tinha que participar de tais festas comunais (ainda que com seu lado religioso), ou perder seu status e honra familiar.
3. A frase em 10.23 "tudo é permitido" parece, para a maioria dos estudantes deste livro, ser uma citação dos próprios coríntios.

Para a discussão desta passagem bíblica, tente relacioná-la com a sociedade em que os alunos vivem. Algumas perguntas que você pode fazer são (você pode, é claro, abordar outras perguntas que você acha que são mais importantes para os objetivos da aula):

1. Que celebrações são realizadas em sua cultura que estão ligadas a uma refeição em conjunto, seja com a família ou na comunidade em geral?
2. Existe um significado religioso ligado às suas festas (para uns pode-se dizer "sim" e para outros "não").
3. Qual a importância de oferecer ou não convites? Aceitar ou recusar tal convite?

Apresentação

Refeições e festas religiosas

Nas primeiras aulas deste curso falamos sobre mitos. Refeições e festas fazem parte do aspeto da sociedade conhecido como "ritos". Na maioria das sociedades, os ritos têm um significado religioso, e alguns ritos têm um significado mais significativo do que outros. Vários ritos são acompanhados por

festas onde alguns ou todos os membros da sociedade participam comendo uma grande refeição. Outros ritos podem ser acompanhados de jejum, que será outra forma de incorporar o alimento ao significado do rito. A maioria das culturas adiciona uma grande refeição a um casamento, por exemplo, que ainda tem um significado religioso e envolve toda a comunidade. Muitas vezes, fazemos o mesmo para funerais. Outras passagens da idade na vida de uma pessoa são acompanhadas por uma refeição de sentido religioso: dar nome a um bebé, aniversários, atingir a adolescência ou sobretudo a idade adulta, onde várias cerimónias e ritos podem acompanhar o acontecimento.

Outras festas estão diretamente ligadas à fé de um povo. O judaísmo tem toda uma gama de refeições e jejuns durante o calendário religioso. O Islã também, especialmente com os jejuns e refeições festivas que acompanham o Ramadã. No ano eclesiástico do cristianismo vemos as duas grandes festas do Natal e da Páscoa que são acompanhadas de um período de jejum e também de grandes festas, ainda que diferentes países ou culturas de base as celebrem com diversas práticas. Na Itália, por exemplo, há três dias de grandes refeições seguidas no Natal: na véspera de Natal, uma refeição que é chamada de jejum, porque a comida se limita a verduras, massas sem molho e peixes. (Ainda podemos comer seis ou sete pratos durante este jejum). E depois há a grande festa de Natal com carnes, tomates, etc., seguida de outra grande refeição no dia 26, dia de Saint Etienne.

Outros festivais encontrados em muitos países e culturas seguem as estações da colheita, na maioria dos casos uma festa de ação de graças aos deuses ou a Deus por Sua provisão para o próximo ano. Nos Estados Unidos, levamos esse feriado a sério, e o governo até declara dois dias de folga para esse feriado. Faz parte da cultura americana agora garantir, se possível, que ninguém perca a oportunidade de participar. Várias igrejas locais organizam refeições para os pobres e esquecidos da sociedade, ou preparam e distribuem cestas cheias de coisas apropriadas para esta refeição. Conta-se também a história da primeira festa deste tipo onde os primeiros brancos participaram com os peles-vermelhas numa grande festa de amizade e ação de graças.

Tais festivais fazem três coisas para o desenvolvimento de um povo, segundo Richley Crapo: 1) unem emocionalmente a comunidade; 2) ajudam a dramatizar aspetos da história da cultura; e 3) influenciam o mundo espiritual e, portanto, o mundo natural para que os seres humanos possam viver ali em paz e com bênçãos. Nunca se pode subestimar a importância de tais refeições na vida dos membros de uma comunidade, mesmo na Igreja. Os convertidos, discípulos e membros da igreja às vezes também têm responsabilidades com suas famílias de participar de tal festa sem comprometer seu testemunho. A igreja local também pode precisar ajustar sua programação de tempos em tempos para que as festas possam acontecer como deveriam.

Discussão em grupo

Mais uma vez, o trabalho do grupo é aplicar as ideias da lição à vida cotidiana do ponto de vista de seu ministério. Desta vez é a parte do contexto religioso e/ou cultural que vê a importância das refeições e dos jejuns. As perguntas aqui servem apenas para abrir uma discussão. Mas o objetivo é ver como a igreja cristã pode agir de forma a acomodar a cultura sem comprometer suas crenças espirituais. Primeiro, revisamos as respostas para a discussão em classe anterior.

1. Existem feriados que representam sérios compromissos para um cristão ou uma família cristã?
2. Como você lida com esse problema para manter seu papel na sociedade e seu testemunho ao mesmo tempo? Seria possível?
3. A Igreja pode substituir um rito cristão por refeições festivas que acompanham a maioridade – nomear um bebê, atingir a adolescência, atingir a maioridade, etc.?? Ou outros ritos fúnebres que honram os mortos sem adorá-los como "mortos-vivos"?

A Última Ceia (comunhão) e as bodas do Cordeiro

O Santo última Ceia, instituída pelo próprio Senhor, encontra sua base religiosa no judaísmo do Antigo Testamento, especialmente porque aconteceu pela primeira vez quando os discípulos celebravam a Páscoa com o Senhor. Para os crentes do contexto religioso pagão europeu da época, eles poderiam ter entendido a ceia do senhor de outro contexto religioso, o das chamadas religiões de "mistério", a maioria das quais incorporava refeições como parte de seu culto. Como essas são religiões de mistério, não sabemos o que foi feito durante essas refeições. Deve-se notar que várias igrejas cristãs locais na época praticavam o Santo última Ceia da mesma forma: os visitantes deixaram a sala de culto antes do início do rito. A fórmula do rito era mais ou menos conhecida, mas os de fora acusavam os cristãos de serem canibais, porque segundo a fórmula comiam o corpo do Senhor e bebiam o seu sangue.

No início, os cristãos celebravam a ceia do senhor com uma refeição que se chama há séculos, o ágape, porque era uma forma de anunciar e viver o amor entre os cristãos. A crítica de Paulo aos coríntios foi lançada precisamente neste aspeto do significado de a ceia do senhor, porque não o celebravam em amor recíproco, mas em clima de distinção de classes e situações econômicas. Então no começo a ceia do senhor incorporou uma grande refeição mais um ritual com significados religiosos e sociais ao mesmo tempo. Hoje, a ceia do senhor sem uma refeição conserva muito pouco de seu significado social, a não ser o fato de que por ela somos lembrados de fazer parte do grande grupo de

cristãos ao longo da história da Igreja. Deve-se notar, no entanto, que ao longo da história da Igreja o Santo última Ceia nunca foi considerado eficaz para a salvação. Ele é apenas um símbolo do que a palavra do Senhor alcançou na vida do crente por sua fé na graça de Deus.

O outro banquete cristão é aquele pelo qual ansiamos – o banquete messiânico ou as Bodas do Cordeiro. Esta refeição também tem suas raízes no Antigo Testamento, especialmente em Isaías 25.6-8 e Joel 2.24-28. Esta imagem é repetida várias vezes nas parábolas de Jesus, e em particular durante a inauguração da o Santo última Ceia quando Jesus disse que só participaria do banquete do futuro. Graças às esperanças messiânicas, as pessoas do tempo de Jesus viram a multiplicação dos pães, portanto, como uma manifestação da abertura da era messiânica. É muito interessante que o último capítulo de Apocalipse termine com instruções sobre quem pode participar e um convite.

Revisão das responsabilidades do aluno (consulte o programa do curso)

Durante a introdução ao curso (Lição 1), você apresentou e descreveu as responsabilidades do aluno. Aqui você precisa esclarecer o cronograma de datas de vencimento para cada relatório a ser devolvido. Como não há tarefa específica para a próxima aula, é recomendável que os alunos tentem se preparar o máximo possível para a próxima aula. Haverá até um exame a ser feito após a Lição 9.

O Santo última Ceia (opcional):

Se você decidir se preparar comunhão para encerrar a lição, use o rito escrito no Manual da Igreja do Nazareno.

FIM DA LIÇÃO

Lição 9: Jesus Cristo como vencedor sobre todas as forças espirituais

Introdução a esta lição

Durante a primeira metade desta lição, examinaremos o material da lição e, em seguida, usaremos o restante do tempo como tempo de revisão em preparação para o exame. Durante este curso, olhamos para o problema quase universal do sentimento de perda da relação original entre o criador e o ser humano. Vimos também os diferentes pontos de vista sobre o mundo dos espíritos criados por Deus e sua influência para o bem ou para o mal no mundo dos seres humanos. Nosso foco foi compreender os espíritos malignos em contextos africanos, o que provavelmente é exagerado, mas cuja influência é determinada pela perceção de membros de diferentes sociedades.

O propósito desta lição é auxiliar na proclamação do evangelho de tal forma que o pregador, por meio da verdade que proclama e do apoio do Espírito Santo, possa convencer sua audiência da vitória total em Cristo sobre as duas grandes questões citadas nesse curso. A vitória, no entanto, não vem para os crentes automaticamente porque eles aceitam Jesus como Salvador. A vitória vem somente com a consagração total a Cristo, e entrega total de tudo o que pertence à vida de pecado, egoísmo, lealdade aos espíritos, etc. Todo valor da vida humana deve estar subordinado ao senhorio de Cristo na vida pública da Igreja e na vida privada do crente.

Meditações

Para as meditações de hoje, sugere-se que seja tratado um texto que fale da vitória de Cristo ou da consagração total a Cristo. Aqui estão algumas sugestões:
Mat. 11.27-30; Lucas 1.68-75; Lucas 10.17-20; Atos 19.13-20; Rom. 12.1-2; Colarinho. 2.8-15.

Gálatas revisados 3:26-28

Há algum tempo, o professor não recebe instruções específicas para trabalhar na memorização dessa passagem. Agora tente fazer isso.

Curso da lição

Documento 15: Christus Victor
Trabalho em equipe
Revisão do material do curso

Documento 15

Christus Victor
Jesus: vencedor sobre todas as forças espirituais

Durante o curso de a teologia cristão 2 estudaremos teorias da expiação, incluindo uma chamada "Christus Victor" proposta pelo teólogo alemão Gustaf Aulen. Na primeira conferência teológica da Igreja do Nazareno na região da África, o Dr. Greathouse apresentou sua tese de abertura baseada no trabalho de Aulen. Uma cópia desta tese está anexada a este caderno no final desta lição. Aulen convida o mundo da teologia cristã a considerar mais uma vez o que a Igreja observou durante esses primeiros séculos de existência, que Jesus, por sua morte em obediência ao Pai, obteve uma vitória total sobre Satanás, sobre o pecado e sobre a morte. Ele chama essa ideia de ideia clássica de salvação, e a Bíblia e a Igreja ambos enfatizam o fato de que a vitória que Cristo conquistou de uma vez por todas continua na obra do Espírito Santo e seus frutos colhidos em nossas vidas.

Jesus: Senhor e Conquistador

Jesus, sendo "o verdadeiro Deus do verdadeiro Deus" já é soberano sobre toda a criação, onde reina com cetro de ferro (Sl. 2.9) Mesmo no momento da criação ele já era o soberano, porque tudo foi criado por ele, o que é visível e o que é invisível (Col. 1.16) Todas as coisas estão sujeitas a ele, mas nem todas estão sujeitas por sua própria vontade. Os poderes do mundo dos homens e de Satanás e seus demônios continuam sua rebelião hostil contra seu senhorio, embora permaneçam sob sua autoridade. A promessa de Apocalipse (11:15) "o reino do mundo passou para nosso Senhor e para o seu Cristo" ainda aguarda sua conclusão no fim das coisas.

Atualmente estamos vivendo no período entre a ressurreição e o retorno de Jesus. Ele é soberano, mas sua soberania permanece oculta. Seu retorno marcará sua conquista final de todos os poderes do mal. Ele ainda é Senhor. A questão mais importante para esta lição, porém, é a de sua vitória. Segundo Donald Bloesch, há dois lados em sua vitória: 1) a cruz e a ressurreição triunfam sobre os principados e potestades do mal, e 2) o Espírito Santo aplica esse triunfo na Igreja e no mundo. Os poderes das trevas foram realmente derrotados, embora continuem a lutar com base na mentira de que ainda possuem poder real. Nunca devemos subestimar o importante papel da fé através do poder do Espírito Santo. Nem devemos obscurecer a realidade da vitória universal de Cristo sobre o pecado, a morte e o diabo.

O crente "em Cristo" e as forças espirituais

A Igreja e, portanto, os crentes habitam um período histórico interino em que o reino de Cristo é plenamente estabelecido na Igreja através da redenção

dos crentes, mas no nível da criação ele conquista cada vez mais território, para eventualmente exercer sua redenção. Aqueles que depositam toda a sua confiança na redenção de Cristo, e que não procuram outra ajuda em outro lugar, estão "em Cristo" de acordo com o vocabulário do apóstolo Paulo repetido várias vezes. Assim, eles ainda agora desfrutam do poder de sua vitória.

O papel do crente neste tempo é se engajar no ministério do Senhor na expansão e extensão de seu reinado e de sua vitória. E fazemos isso pelo poder do Espírito Santo que habita em nós. Satanás, embora Cristo seja vitorioso sobre ele, ainda está vivo e ainda não preso no "lago de fogo". Seu propósito é destruir a obra de Cristo, e a única maneira de fazer isso é atacar aqueles que estão "em Cristo", esperando fazê-los se afastar da fé em Cristo, ou interromper seu serviço por causa do desânimo que implanta. neles. É muito perigoso e pode bloquear o progresso de nosso trabalho ou nos tentar a afrouxar. Seu poder ainda é limitado. Ele não pode possuir um crente contra a vontade do crente e sem algum tipo de convite (veja João 12.31; 16.11; Ap. 20.1-3; Colarinho. 1.13; 2.14-15; Hb 2.14-15). O crente que mantém seus laços com as tradições religiosas de sua cultura ou que continua a tratar os ancestrais como "mortos-vivos" oferece este convite a Satanás para fazer o que bem entender.

Há casos em que o crente sofre o resultado de um "feitiço" contra ele, mas, como ele está "em Cristo" o resultado será aquém do desejado, e a vitória vem através da oração dos santos, que por sua fé afirmam a vitória de Cristo. Tais provações parecem retardar o progresso do reino de Cristo, mas isso também é mentira. Em vez disso, essas provações fortalecem o crente e a comunidade de crentes, e por causa dos testemunhos daqueles que viram a vitória de Cristo, essas provações fazem com que o reino cresça mais rápido do que nunca. Na África, pode-se sublinhar que a Igreja está em pleno crescimento porque Cristo é vitorioso na vida de quem está "nele".

A necessidade da consagração total a Cristo

Assim como Josué e Caleb depositaram sua total confiança no Deus das promessas e do Êxodo, nós também devemos depositar nossa total confiança naquele que venceu a morte, o pecado e o diabo na cruz, e é ele quem nos conduzirá a vitória. Nossa tarefa é nos submeter a Deus e resistir ao diabo. Submeter-se a Deus significa que não podemos esconder nada do mundo, brincar com qualquer pecado ou confiar em tudo o que o diabo provê (poder político, segurança econômica, etc.). Devemos tomar partido contra o diabo e sua rebelião contra Deus. Nossa tarefa é depender somente de nosso Senhor apesar da dificuldade da batalha, confessando nossas fraquezas e nossas dúvidas, continuamente dedicando tudo a ele, e obedecendo aos seus mandamentos até que a guerra termine.

FIM DO DOCUMENTO

Trabalho em equipe:

Como base para uma discussão sobre a Apostila 16, leiam e estudem juntos as seguintes passagens da Bíblia: João 12.13, 16.11; Atos 26.18; Colarinho. 1.13, 2.14-15; Heb. 1.14-15; Apocalipse 20.1-3; Mat; 6.13; João 10.22-29, 17.15; 2 Tess. 3.3; 1 João 4.4, 5.18.

Desta vez, você apresentará os resultados das discussões sobre as seguintes questões:

1. Como podemos assegurar aos crentes que eles não podem ser possuídos por demônios enquanto permanecerem fiéis ao Senhor?
2. Como podemos ajudar o Espírito Santo a transformar a compreensão dos membros da Igreja sobre o mundo espiritual?
3. Quão importante é a dedicação total ao Senhor por parte dos crentes em comparação com os espíritos? Como pode tal consagração ser encorajada?

Depois de alguns relatórios, use o resto do tempo para uma revisão do curso.

Exame final
CG 203 - Visões de mundo comparativas

Nome do _____
Classificação: _____/30

Instruções

Você tem **90 minutos** para completar esta verificação. Leve o seu tempo para responder plenamente a todas as perguntas.

SEÇÃO A - MÚLTIPLAS ESCOLHAS ____/10

Aqui estão dez perguntas. Você responderá circulando a letra da resposta correta.

1. Que pessoa René LUNEAU chama de "incuravelmente religiosa"?
tem. o africano negro c. o chinês
b. o americano D. O indiano

2. Qual palavra é definida como "expressão da comunicação humano-animal, culto da fertilidade e busca, através da sexualidade, pela continuidade do filo parental (linhagem)"?
a. animismo c. totemismo
b. ancestralidade d. paganismo

3. Qual religião na Bíblia era uma combinação de totemismo e fetichismo?
a. a religião de Moisés c. a religião dos gregos
b. a religião de Baal d. a religião dos romanos

4. Qual dessas frases não é justa quando se trata de mitos?
a. Um mito nunca contém verdades, isto é, coisas de verdade.
b. O mito é anônimo e coletivo.
c. É uma modalidade de reflexão humana.
d. O mito tem uma função explicativa.

5. Que outro documento – além da Bíblia – menciona uma cobra que engana o homem?
a. o Didache c. o poema babilônico Enuma Elish
b. a epopeia de Gilgamesh d. o poema de Atra-Hasis

6. Como a Bíblia explica a divisão entre Deus e a humanidade?
a. Deus não queria mais amar sua criação.
b. Satanás se tornou mais forte do que Deus.
c. Adão desobedeceu a uma ordem de Deus.
d. Deus ficou irado por causa de seu ciúme.

7. Qual das seguintes frases *não descreve bem* ideias africanas sobre o deus supremo?
a. Este sabe tudo sobre nós e o que está acontecendo na vida.
as fases da vida
b. Você pode orar para ele em qualquer lugar.
c. O deus supremo nunca tem nenhum contato com a humanidade.
d. Ele é bondoso e misericordioso.

8. Em que sistema a salvação é encontrada através da aniquilação dos desejos humanos?
a. Budismo c. platonismo
b. Judaísmo D. islamismo

9. Que objeto encontrado em toda a África é frequentemente usado em cerimônias religiosas?
a. o martelo c. A máscara
b. o facão d. o garfo

10. O que é "oniromancia"?
a. a interpretação dos sonhos c. ciência das plantas
b. interpretação de línguas d. Ciência Animal

SEÇÃO B - ENSAIOS ____/20

O instrutor lhe dará folhas separadas para escrever suas respostas. Você pode usar sua Bíblia.

Aqui estão cinco perguntas. Você responderá escrevendo uma resposta abrangente que use o máximo de detalhes possível do material do curso. Dedique cerca de 10 a 12 minutos por pergunta.

1. Escolha um dos mitos africanos da criação e explique-o em detalhes. Compare-o com a história bíblica da Criação (Gn. 1-2). Quais são as diferenças? As similaridades?

2. O Curso mencionou cinco meios de salvação, incluindo salvação por submissão ou cooperação. Explique o último comparando-o com dois outros meios. Entre em detalhes.

3. Nas religiões africanas, existe o conceito de intermediário entre o deus supremo e os seres humanos. Escolha um desses intermediários que o curso falou para descrevê-lo basicamente. É a mesma ideia de Jesus como intermediário para os cristãos? Cite uma passagem bíblica para sustentar seu argumento.

4. O que a frase significa? *Christus Victor?* Qual é a sua relação com o tema da libertação? Existe alguma passagem bíblica que demonstre essa vitória sobre Satanás? Explique.

5. Compare sonhos simbólicos e sonhos de mensagem. Dê exemplos bíblicos de ambos.

INSTITUTO BÍBLICO NAZARENO
FICHA DE SUPORTE

Curso: _CG 203 Cosmovisões Comparativas Centro de estudos: _____
Professor: _____ Datas do curso: _____
Nível de escolaridade: □ Diploma □ Certificado

Nº	Número de registro	Nomes dos alunos	Datas e Horas das Sessões									
1												
2												
3												
4												
5												
6												
7												
8												
9												
10												
11												
12												
13												
14												
15												
16												
17												
18												
19												
20												

INSTITUTO BÍBLICO NAZARENO
RELATÓRIO DE CURSO

Curso: _CG 203 Cosmovisões Comparativas Centro de estudos: _____
Professor: _____ Datas do curso: _____
Nível de escolaridade: □ Diploma □ Certificado

Nº	Nomes dos alunos	Descrição e percentagem do dever de casa							
		Lec-10%	Estudo Bíblia 20%	Pres. Oral 10%	Acessar estudo 10%	Exame 50%	Subtotal	Assist. Dsc.	Total
		de 10	em 20	de 10	de 10	de 50		Dsc.	
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									
16									
17									
18									
19									
20									

BOLETIM DE NOTAS

Curso: **Nome do Aluno**
Centro:
Instrutor:

Notas: Pontuação Nota 100

1	00%	
2	00%	
3	00%	
4	00%	
5	00%	
Revisão		00%
SUBTOTAL	100	

Redução do mau atendimento

TOTAL ___.

Consta assinatura:

Data:

BOLETIM DE NOTAS

Curso: **Nome do Aluno**
Centro:
Instrutor:

Notas: Pontuação Nota 100

1	00%	
2	00%	
3	00%	
4	00%	
5	00%	
Revisão		00%
SUBTOTAL	100	

Redução do mau atendimento

TOTAL ___.

Consta assinatura:

Data: